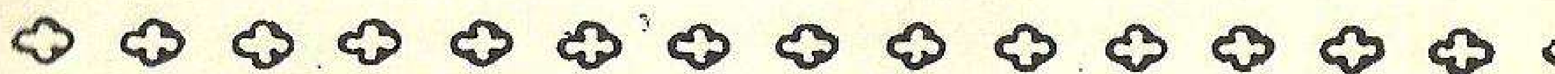
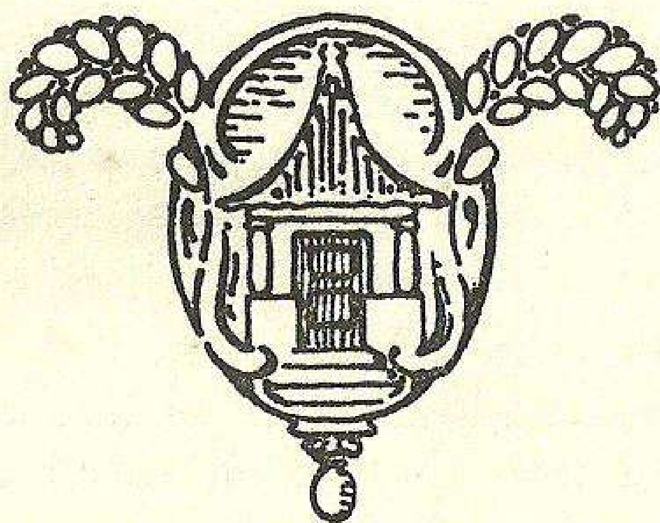


TYP. DO ANUARIO COMERCIAL
PRAÇA DOS RESTAURADORES 24
LISBOA

A NOSSA CASA



APONTAMENTOS SOBRE O BOM GÔSTO NA CONSTRUÇÃO DAS CASAS SIMPLES



RAUL LINO

PREFÁCIO

(PARA A TERCEIRA EDIÇÃO)

Um dizer vulgar chama à casa «a cova dos vivos». Num povo que venera supersticiosamente os seus mortos, quere isso dizer que nenhum trabalho ou sacrifício pouparemos para que haja no lar — «Minha casa e meu lar cem soldos val, e estimou-se mal, porque mais val.» — todo o imprescindível às exigências da vida: o alimento, o vestuário, o repouso, a limpeza, a porta que nos isole, — «Em sua casa, cada qual é rei.» — a janela que nos dá o ar e a luz, e algumas dessas flores que, sôbre as tumbas queridas, nunca faltam a perfumar a morte.

Cova sagrada, ninho harmonioso ou recatado santuário, a toca, o cantinho, o buraco, a choupana, neste pequeno livro claro e utilimo

prega, a respeito do melhor arranjo da «nossa casa» — êsse outro nós — um dos mais autorizados e convictos ministros do seu culto, o arquitecto Raul Lino, provado mestre na arte hospitaleira de bem morar.

Que não bradou no deserto, indica-o o facto, lisongeiro para o autor e mais lisongeiro ainda para o público, de, em poucos meses, se haverem vendido duas edições desta obra recomendável, ou sejam dois mil e quinhentos exemplares: duas mil sementes, pelo menos, que iremos, com agrado, vendo florir aqui na disposição duma sala, ali no colorido duma parede, além na escolha dum móvel. Passo apreciável na cruzada de embelezamento tentada por alguns altos espíritos da nossa época, e que é cedo ainda para resumir, mas a que o futuro, colhendo-lhe os proveitos, há-de prestar justiça.

Do carinho e excelente critério que presidiram á orientação vulgarizadora dêste despretencioso breviário de «estética da habitação», falam, melhor do que alheios elogios, certas expressões nêle empregadas: «o confôrto espiritual dum ninho construido com beleza», «o belo proporcionar» ou «a graça da proporção», «os elementos picturais da paisagem», a lição da Natureza, e a continua invocação do prazer do delineador ou do executante como indicio do valor artistico das obras e das coisas a preferir.

Educado na sólida Inglaterra e na adaptadora Alemanha, Raul Lino teve entre os seus professores um fervoroso entusiasta do nosso passado arquitectónico, Alberto Haupt, tão embuído da sua lusofilia, agora certamente atenuada, que, quando, antes da República, o discípulo português lhe foi apresentar a espôsa, o hanoveriano os recebeu, para jantar, de smoking *e gravata azul e branca.*

Foi proveitoso ao artista êsse período estrangeiro, de que ainda hoje conserva a férrea disciplina laboriosa. O lá-fora é, quási sempre, uma boa escola de nacionalismo. Muitas vezes, é longe de Portugal que melhor se aprende a ser português, sobretudo no atinente ás qualidades admiráveis da raça. Certos defeitos respiram-se depois, cá dentro, com o ar pátrio.

Procurada nos estreitos limites do país, a visão portuguesa apresenta o perigo de resvalar para dois campos arriscados: o regionalismo, fecundo, mas demasiado restrito em terra tão exígua; o arcaísmo, valioso como subsidiário, mas fácilmente estéril.

Pedindo, roubando até em assíduas caminhadas, ao antigo e ao local segredos e conselhos, o arquitecto lisboeta, no fundo um bom português sonhador e emotivo, ama o torrão e estima a tradição, mas não como escravo submisso ou platónico fanático. A germânica apren-

dizagem fez dêle um orquestrador. Raul Lino é um notável combinador de motivos, um sinfonista ancioso de novos ritmos arquitecturais, unido a um decorador no grande e no pequeno sentido da palavra, buscando em tudo a beleza, sabendo os valores da paisagem que a casa a construir tem de completar, zelando o aspecto do mínimo pormenor, quer externo, quer interior, das suas construções, e podendo, com idêntica originalidade e o mesmo indesmentido bom gôsto, desenhar o dintel duma entrada, a mesa duma sala, o pano para a cobrir, a capa do livro que a adorna, a espátula que o abriu, o vestido da leitora, a almofada em que se recosta e o anel que tem na mão.

Um artista que marca no seu tempo, e que, não contente com instalar òtimamente os seus clientes, veiu ensinar aos outros a maneira de morar menos feiamente.

Este breve catecismo do morador foi, originàriamente, planeado a meu pedido. Por isso, decerto, o seu louvável editor, Pedro Bordallo Pinheiro, presumiu que me seria grato dar em público o meu abraço de amizade e aplauso ao autor. Não se enganou.

MANOEL DE SOUSA PINTO.



PROJECTO DE CASA PARA OS ARREDORES DE LISBOA

E' pelo culto da arte que a religião da nacionalidade se exteriorisa e se exerce.

....

E' pela arte que o genio de cada raça se patenteia, que a autonomia nacional de cada povo se revela na sua autonomia mental, e se affirma, não só pela sua especial comprehensão da natureza, da vida e do universo, mas pelo trabalho collectivo da communidade, na litteratura, na architectura, na musica, na pintura, na industria e no commercio».

RAMALHO ORTIGÃO, em *O culto da arte em Portugal.*

ADVERTÊNCIA

Ouvimos freqüentemente citar a frase «gostos não se discutem» a pessoas que não se lembram de que o sentimento estético tambem é susceptível de ser educado ou apurado.

Parece-nos característica no nosso feitio uma geral indiferença pelas manifestações das artes plásticas — mais do que todas, pela arquitectura, — e estamos habituados a encontrar pessoas ilustradas capazes de se arrepiarem pela falta duma sílaba num verso, ou por uma ligeiríssima desafinação musical, mas que se conservam insensíveis à beleza nas obras plásticas da arte — pintores às vezes, ou escultores a quem não repugna a circunstância de morarem em casas banalíssimas e hediondas...

No emtanto parece haver-se despertado um certo e crescente interêsse pela estética da habitação e julgamos azado o momento para arriscar a publicação dêste livro.

Destinado a princípio a fazer parte duma colecção intitulada «Livros do Povo», em breve nos convencemos da inutilidade da sua inclusão naquelas edições. O povo em Portugal ou não lê ou conhece apenas uma parte da imprensa diária pouco propensa a questões de cultura espiritual. Hão-de passar muitos anos — gerações talvez — antes que o povo possa começar a interessar-se pela sua habitação, preferindo as casas bonitas e bem situadas, visitando exposições de mobília barata, adquirindo propriedade por transacções a longo prazo. Entretanto pode e ha-de se educar o seu gôsto pela exibição das obras acertadas dos que já alguma cousa lêem e pensam. A estes nos dirigimos aqui; àqueles que sentem a necessidade de possuir uma casita feita com propriedade, aos que se enternecem pelo confôrto espiritual dum ninho construído com beleza. Escrevendo para estes, trabalhamos também pela educação do povo em quem é tam arraigado o espírito de imitação; e se é certo que o exemplo vem de cima, veremos então depois de algum tempo que, satisfeitas as exigências de pão, ainda ficará o reconhecimento de que alguma cousa há na beleza a que todos também têm direito.

Este livro não é nem poderia ser um formulário para a criação de belas casas. Visamos

aqui simplesmente a indicar a fórma por que se deve apreciar o valor estético duma habitação, procurando despertar interêsse pelos seus vários aspectos.

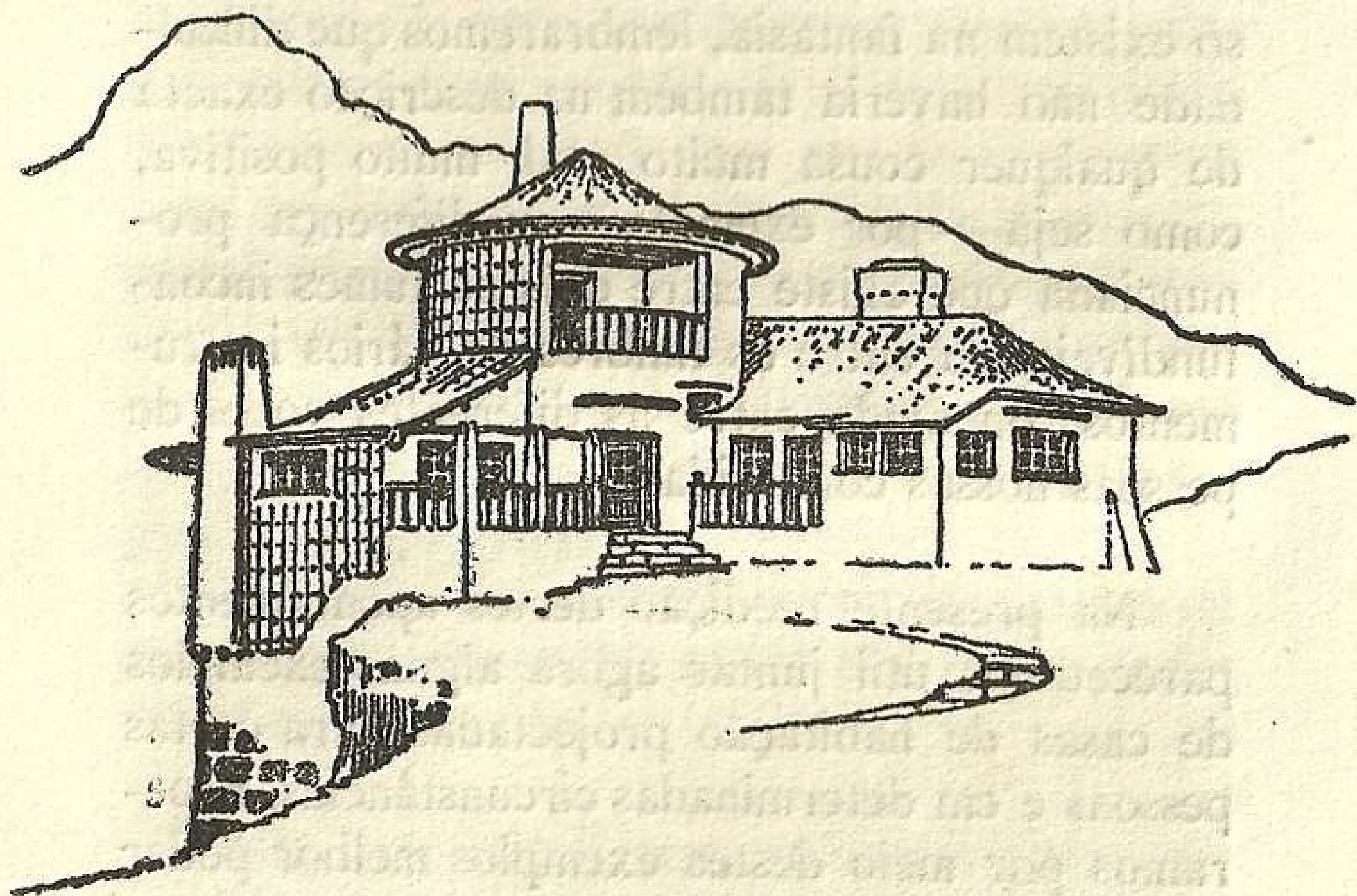
A um cego de nascença — mas bom músico — que preguntara como seria a côr vermelha, alguêm respondeu que era como uma fanfarra em tom de lá maior. — Não será tam desesperador o problema, que nos impomos, de fornecer explicações positivas acêrca duma questão de sentimento, mas é sempre ingrata a análise descritiva em pontos de arte.

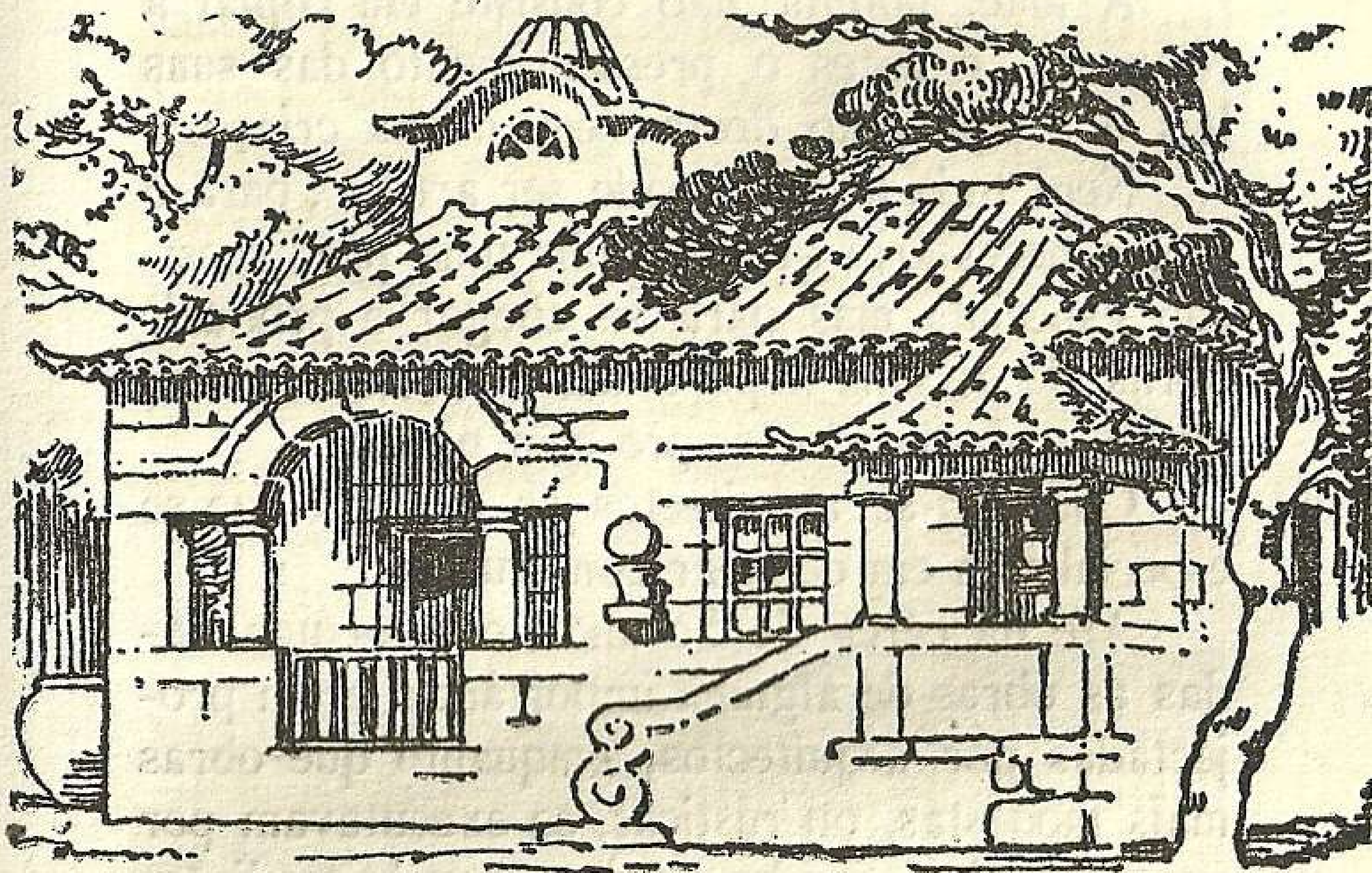
A quem, porêm, no seu desinterêsse julgar que enfunamos o assunto do nosso trabalho com o fraseado inútil na descrição de subtilezas que só existem na fantasia, lembraremos que dificuldade não haveria tambêm na descrição exacta de qualquer cousa muito real, muito positiva, como seja — por exemplo — a diferença pronunciada que existe entre dois perfumes inconfundíveis, ou entre os timbres de vários instrumentos, ou ainda entre as diferentes vozes de pessoas nossas conhecidas!

Na presente reedição destes apontamentos pareceu-nos útil juntar agora alguns exemplos de casas de habitação projectadas para certas pessoas e em determinadas circunstâncias. Esperamos por meio destes exemplos melhor poder

sugerir a quem nos ler o que nalgumas páginas do texto tentámos expor. E' certo que as reproduções de que podemos dispor neste volume não abrangem a ilustração de todos os pontos nele tratados, nem seria isso o que nós aqui pretendemos, senão muito simplesmente — como já dissemos — despertar algum interesse espiritual pelo problema da nossa habitação em terra portuguesa.

R. L.





DIZ-SE vulgarmente de *bom gôsto* a sujeição instintiva a certas leis indefiníveis pelas quais os artistas se regem para a criação de qualquer obra da sua especialidade.

Não há regras nem tabelas pelas quais se possa distinguir infalívelmente entre o que é belo e o que é feio. Se as houvesse, a arte deixaria em breve de exercer o seu eterno encanto, sendo livre como é, para cair em estéreis formalismos.

O bom gôsto adquire-se por um estudo dedicado, isto é, pelo amor admirativo da Natureza e pela observação das obras de artistas, inspiradas também na Natureza.

A arte, porêm, não consiste em copiar a Natureza, é antes o pressentimento das suas leis e a aplicação destas em novas criações.

Nem toda a gente pode ser artista; para o ser, é necessário que se tenha uma predisposição especial; mas para se chegar a produzir obras de alguma importância é preciso estudar muito, trabalhando sempre com prazer.

Chamam-se arquitectos os artistas que se especializam em delinear construções.

Até há cêrca de 50 anos, em Portugal todas as obras de alguma importância eram projectadas por arquitectos, emquanto que obras mais modestas, ou rústicas, se executavam por gente prática, obedecendo sempre às tradições regionais. Dêste modo todas as cidades, vilas e aldeias ofereciam um aspecto agradável e interessante pela harmonia do seu conjuncto, sem exclusão da variedade. Mas de então para cá, a pouco e pouco, toda a gente que tinha dinheiro suficiente para fazer uma casa, entrou de presumir que também teria o espírito necessário para a fazer com arte, ainda que carecesse da mais rudimentar educação artística.

Várias foram as causas — umas de origem psicológica, outras de ordem social — que provocaram a tam desastrosa queda no barbarismo de construções que deslustram a maioria das localidades portuguesas e que amplamente ates-

tam a corrupção absoluta do gôsto nacional. Uma grande parte, porêm, da responsabilidade neste desastre, cabe à introdução de certas publicações francesas que tiveram grande voga em Lisboa, servindo para divulgar entre nós os tipos de construções completamente inadequados ao nosso país e que hoje enxameiam não só as cidades mas, o que é ainda pior, infestam tambêm, juntamente com as pontes metálicas das vias férreas, todas as nossas lindas paisagens.

Seja dito de passagem que o bom gôsto não condena estas pontes por simples bucolismo, por amor exagerado do passado ou por horror ao progresso; há mesmo maneira de executar estas grandes construções, pelo emprêgo de cimento armado (que é um material moderníssimo), obtendo-se resultados perfeitamente satisfatórios sob todos os pontos de vista (1).

A razão porque à vista nos deve ser preferível uma robusta ponte de cimento armado a uma outra toda de ferro industrial, não se pode

---

(1) Felizmente que êste material está destinado a substituir, num futuro mais ou menos próximo, o emprêgo exclusivo do ferro nos viadutos. Não é que tenhamos ideas optimistas acêrca da regeneração do gôsto nacional; fiamo-nos antes nas superiores vantagens materiais dos trabalhos de cimento armado, cujas despesas de conservação se podem considerar nulas, ao contrário do que sucede com toda a obra de ferro.

explicar a fundo em duas palavras; mas esperamos que o leitor a possa inferir da leitura das páginas que se seguem, compreendendo como deve ser anti-artística uma obra em cujo frágil aspecto se descobre apenas um esqueleto sem fisionomia orgânica, que patenteia uma função estritamente utilitária, sem sombra de sentimento, e que sujeita a sua forma estrutural a certas unidades inflexíveis de dimensão que proíbem o belo proporcionar sem o quê não pode existir verdadeira arquitectura.

Não é porêm da construção de pontes que vamos tratar, mas de casas baratas para habitação.

Há muitas pessoas que se dipõem a fazer uma casa para habitar, mas que não querem ou não podem contar com o auxilio dum arquitecto. Bom seria que essas pessoas, antes de começarem a planear qualquer cousa assim pensassem por uns momentos no que vão fazer.

É freqùente encontrarem-se pessoas que são muito mais exigentes, por exemplo, na escolha dum fato para vestir do qúe na disposição da planta duma casa que mandam fazer para habitar. No emtanto a nossa habitação é a moldura em que se enquadra uma boa parte da nossa vida espiritual e o melhor da nossa vida familiar. Ela não é só abrigo do corpo contra as intempéries que o fustigam, é tambêm refú-

gio para o espírito após a luta diária que o assola. Se se goza de boa saúde, a casa é capaz de reflectir e aumentar o nosso bem-estar; na doença é ainda o seu conchego que melhor secunda os desvelos e carinhos das pessoas amigas, A' casa habitada durante a primeira infância se guarda uma ternura que jamais se apaga; mas quando a última velhice se acerca, é ainda à nossa querida casa que de preferência nos acolhemos quási com aquele instinto com que certos animais se recolhem às suas tócas para aí se despedirem da vida.

Quando construímos uma casa de novo, para que nos seja tam querida logo desde os primeiros meses em que a habitamos é preciso que pela sua disposição ela corresponda perfeitamente à nossa maneira de viver. Mas isto não basta; como todas as outras manifestações da vida civilizada, não a devemos planear e executar sem uma observância inteligente de certas normas que são justamente condição de pessoas que se prezam.

Na construção de casas há também boas maneiras, má educação ou feitio grosseiro, há gestos inteligentes e sinais de insensatez tais, quais se observam em todos os actos da vida.

É dêstes dois pontos mais importantes que a seguir vamos tratar: da melhor disposição da

casa para conveniência dos seus moradores e do modo decoroso por que esta deve ser realizada, — se não para maior satisfação do seu dono, pelo menos por respeito à sociedade em que vivemos.

Na parte prática guiar-nos hemos pelo bom senso para tudo o que afirmarmos; na parte artística porêm, como não se podem estabelecer regras, limitar-nos hemos quási exclusivamente a exemplificar o que com certeza é errado.

Nunca se comece por pensar no aspecto exterior duma casa (a não ser dum modo muito vago) antes de ser bem estudada a sua planta. O carácter essencial das fachadas duma casa reside nas suas proporções gerais, e estas só podem ser determinadas depois de haver uma planta definitiva.

Não se deve porêm fazer a planta sem estar escolhido o terreno. Há muitas cousas a que atender que dependem da situação dum terreno e que influem poderosamente na disposição duma casa. Alêm dos gostos especiais e do modo de viver do proprietário, há a questão muito importante da orientação, que é preciso considerar desde o princípio.

O sol, por exemplo, é indispensável para a boa higiene duma habitação e muito contribui para que nela haja alegria; é preciso em geral que êle dê nas principais partes duma casa, so-

bretudo naquelas em que durante mais tempo se permanece.

O vento predominante também é um elemento que não se pode desprezar; torna-se muitas vezes numa fonte de aborrecimento se o arquitecto não se soube precaver contra os seus efeitos. Em geral as nortadas no nosso país são duma insistência agressiva que destempera os mais bem humorados; há porêm casos, nas regiões muito quentes, em que a sua carícia é às vezes bemvinda.

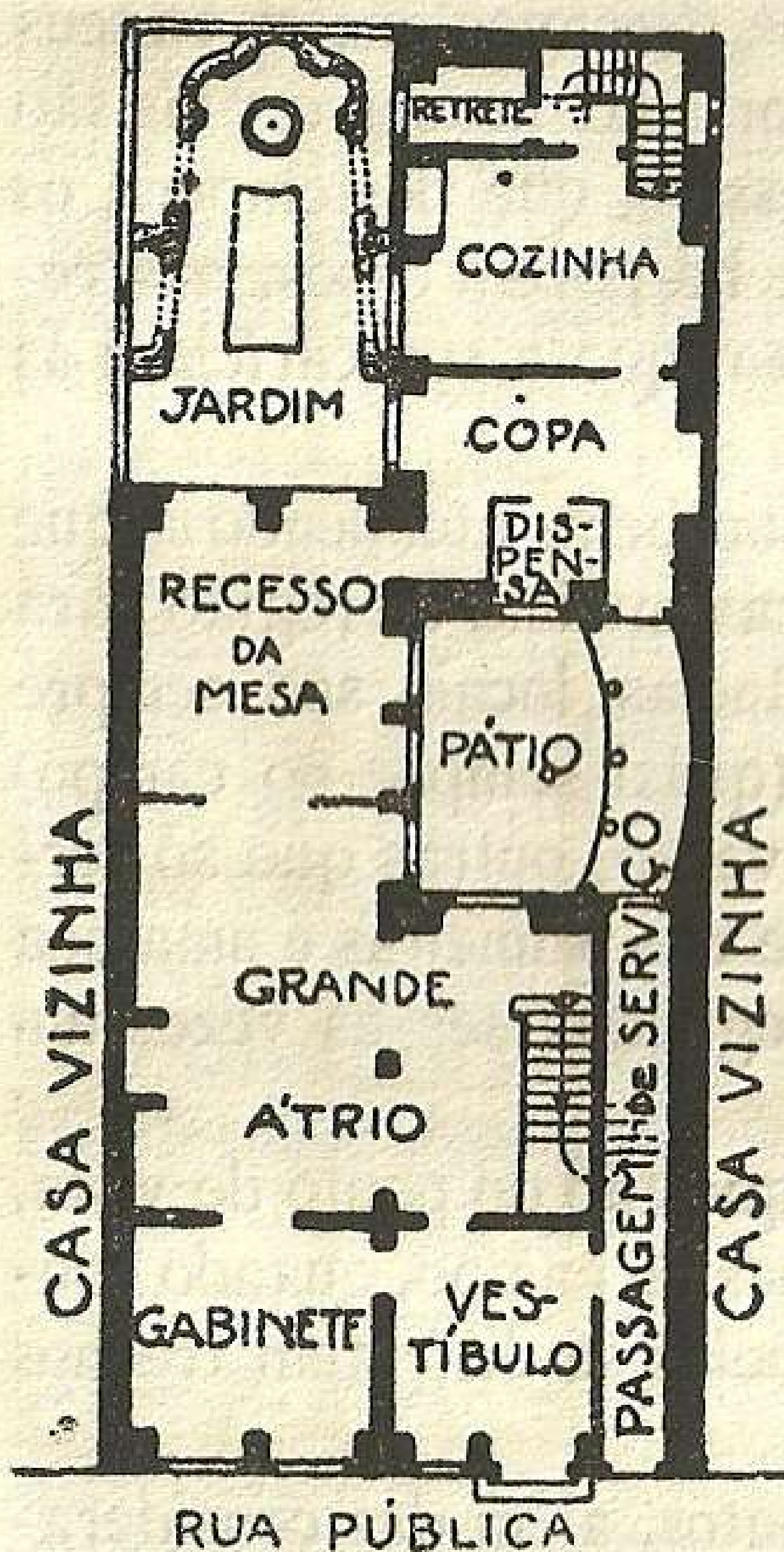
Tudo se deve pesar bem, atendendo a que as condições climatéricas mudam de região para região e as circunstâncias locais são sempre diferentes. Há casas (quási sempre no campo) que só se habitam de verão, outras que só servem de inverno; o que nas primeiras é uma boa qualidade, pode nas segundas ser às vezes um grave defeito.

Emfim há ainda a questão do ponto de vista, principalmente nas casas de campo, quando convêm que de certas janelas se disfrutem trechos de paisagem.

Todos estes elementos, alêm das considerações de ordem estética, entram mais ou menos em jôgo na solução de uma planta, mas nunca se deve esquecer a questão própriamente técnica, procurando-se sempre a maneira mais prática e económica de dispor as diferentes partes da

construção de modo que a área seja bem aproveitada, sem complicações desnecessárias que agravem a importância orçamental.

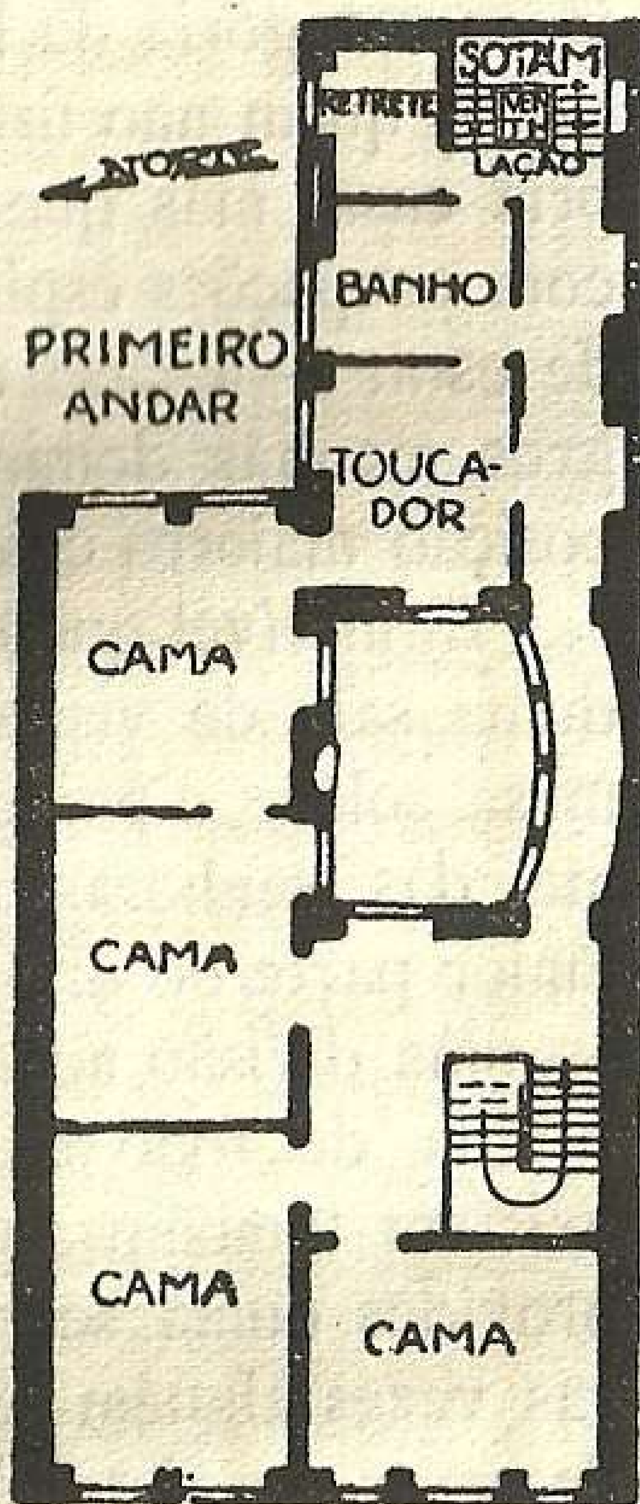
Quando se faz uma casa toda de novo, prefere-se em geral dar à sua planta uma disposição bem clara em que a parte destinada ao serviço fique numa situação relativamente independente e não em contacto muito directo com as divisões ocupadas pelos donos da casa. Um grande defeito de muitas casas delineadas por amadores é aquela disposição dum corredor comprido, servindo instinctamente casas de todas as categorias por portas absolutamente iguais.



Uma cousa que se não deve fazer é sacrificar a commodidade e higiene dos moradores a certas convenções mal fundamentadas.

Assim, por exemplo, há nas casas relativa-

mente modestas as chamadas *salas de visitas* que, servindo raras vezes, ocupam quási sempre os melhores pontos da propriedade, emquanto a família se habitua a sofrer os inconvenientes duma *casa de estar* acanhada ou mal orientada.



Parece que a melhor divisão numa habitação devia ser a casa de estar. Aí se reúne a familia e se recebem os amigos a qualquer hora do dia.

Em geral os portugueses gostam de possuir uma sala de jantar muito grande. Se por um lado êste costume lembra a tradicional hospitalidade portuguesa, por outro lado coaduna-se indiscretamente com a proverbial gulosice nacional.

E' de supor que em breve, entre nós, a casa de estar se torne em centro de habitação, passando a sala da mesa a perder a sua exagerada importância. Note-se que em Inglaterra, país em que o confôrto caseiro atingiu a sua maior elevação, se encontram muitas casas económicas

(mas de execução esmerada) onde as refeições se servem não em uma sala independente mas num simples recesso aberto para a casa de estar. E' que os seus moradores entendem que ter uma sala especial para tomar as refeições entra já na categoria de luxo.

A quem não fizer vida de hotel na sua própria casa, mas que saiba aí mesmo recrear-se com ocupações espirituais, é sem dúvida a casa de estar — a casa dos longos serões e das alegres manhãs domingueiras — aquela cuja disposição maiores cuidados lhe merecerá.

E' incrível que em muitas habitações, a par duma sala de visitas inhóspita e duma sala de mesa solene e pomposa, subsista ainda o costume das senhoras se conservarem durante a maior parte do dia na chamada casa de costura — uma divisão acanhada e desguarnecida, destituída de todo o interêsse. Em compensação existem também aqueles conhecidos escritórios providos duma secretária de estado, à qual raras vezes alguêm se senta e onde quási sempre descansa um tinteiro de parada impoluto.

Planeie-se a habitação em boa conformidade com a vida dos moradores; defina-se bem o destino de cada uma das suas divisões e suprimam-se as casas inúteis.

Não haja o menor pejo em pôr exclusivamente casas secundárias do lado da rua, se ou-

tras e mais importantes condições locais a isso aconselharem.

Para o efeito da planta, frentes principais são em geral aquelas em que dá sol, quer sejam voltadas para a rua pública quer para um jardim traseiro. Assim devemos colocar, por exemplo, os quartos de cama indiferentemente dum lado ou outro, contanto que se usufruam os benefícios do sol, e nada nos impede de pôr uma cozinha e os seus anexos do lado da rua se adoptarmos as traseiras, por mais soalheiras, para as casas principais.

A entrada que seja, em todos casos, de aspecto prazenteiro. E' desagradavel quando se entra numa habitação por um corredor estreito. Corredores estreitos são sempre feios, principalmente se muito prolongados, e quem gosta de ter reuniões deve lembrar-se do péssimo efeito de quando os convidados, para mudar de sala, se enfiam a um e um como que encanados pelo corredor fora.

Por causa do nosso clima desabrido é preciso dar atenção a que a entrada do exterior fique bastante abrigada para evitar os vendavais dentro da casa de cada vez que se abre a porta.

Se houver mais de um andar pode-se aproveitar a escada para dar interêsse à entrada ou para quebrar a monotonia do corredor.

Como já dissemos deve procurar-se tornar as casas destinadas ao serviço quanto possível independentes das partes mais ocupadas pelos patrões; mas todas as divisões secundárias devem ficar nos seus lugares apropriados em devida relação umas com as outras e em caso algum se desculpa uma casa sem janela, mesmo que seja apenas para arrecadação.

O leitor certamente preguntará a que vem tanta preocupação com a planta da casa a propósito do bom gôsto no seu aspecto. E' que o mais agradável que pode haver numa casa é o adivinhar-se pelo exterior e o perceber-se pelo interior que ela foi feita à medida das ideas sensatas do seu dono, para melhor satisfação nos seus deveres e para maior alegria nos seus ócios.

O que é preciso é haver a graça da proporção — e não se julgue que uma construção viciada se embeleza apenas com a aplicação de quaisquer ornatos.

Passaremos agora a tratar do aspecto exterior, voltando depois mais pormenorizadamente ao interior.

Nunca se pregunte em que estilo se vai construir (1). E' lógico que se construa no estilo da

---

(1) Ver o Apêndice.

região. E' natural que se respeitem tradições locais, que adoptemos processos de mão-de-obra experimentados, que nos sirvamos dos materiais circunjacentes. Assim se fez sempre noutras épocas, assim se faz hoje em outros paises onde as aldeias e as vilas conservam (melhor do que as cidades) todo o seu carácter regional. E faz-se isto sem esfôrço, — só porque é lógico que assim se proceda.

A arquitectura tem sôbre todas as outras artes mais livres, a grande vantagem de nunca poder ficar divorciada da lógica. Esta é a razão porque o *futurismo* faliu quando chegou á arquitectura. Em pintura faz-se o que se quere, pinta-se... o diabo, e há sempre crentes que aplaudem as *últimas tendências*; na escultura — a mesma cousa; em música pode o artista executar trechos de trás para diante a pretexto de conquistar a gratidão dum público distinto com as novas sensações que lhe proporciona, e tudo corre a contento de todos; mas vão lá fazer uma habitação com o telhado para baixo e os pegões para o ar!... Ninguêm se convence de que é bom morar numa casa assim!

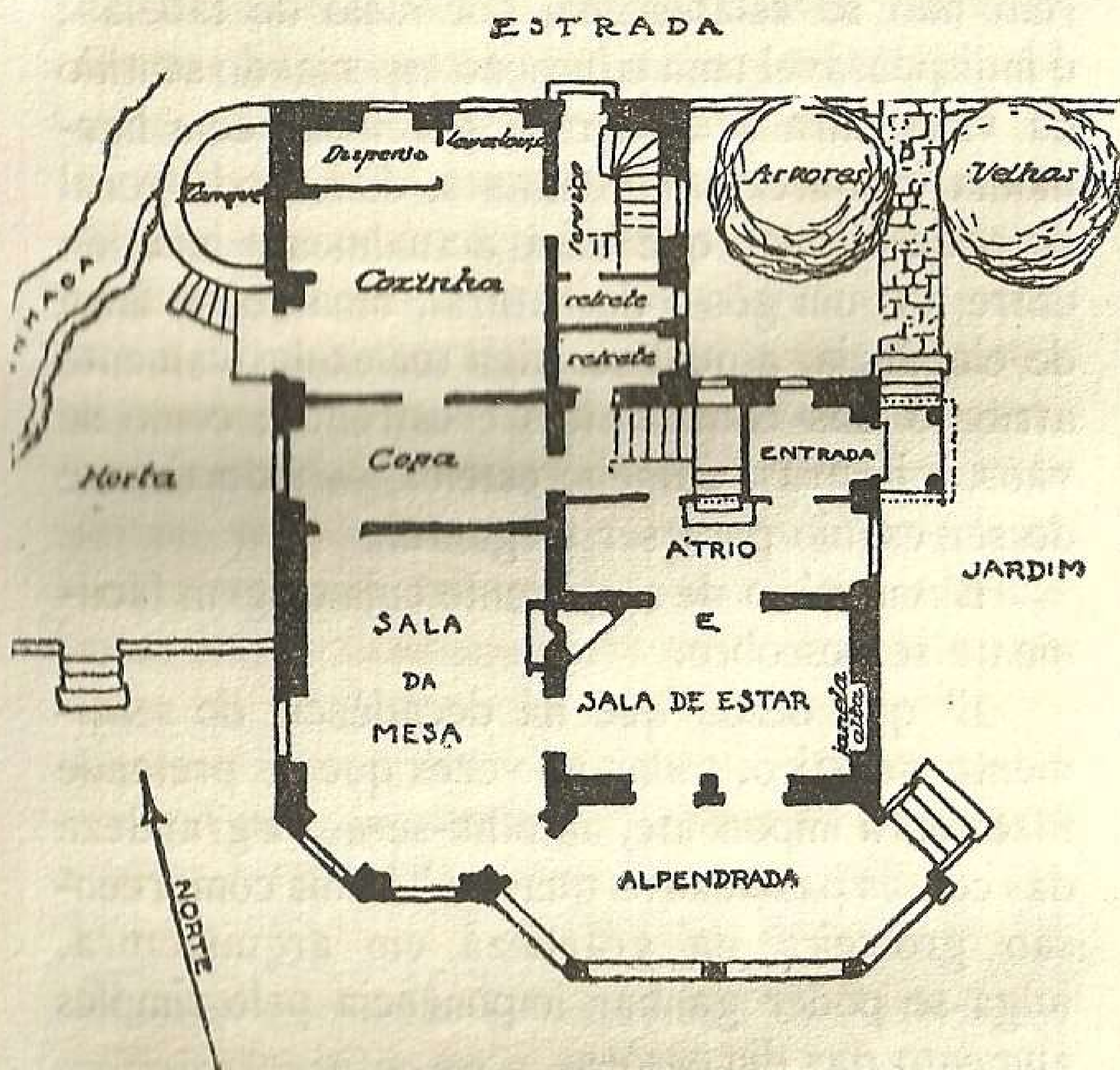
Tomemos por exemplo as casas que se faziam antes da desorientação do gôsto nacional. Não haja relutância numa retrospecção que não só é útil como tambêm indispensável. A evolução do estilo vai-se fazendo insensívelmente sem perda

de carácter nacional, emquanto nos conservarmos fieis ao encanto produzido por essas boas casas portuguesas de há meio século para trás.

Não pensando já nos lindos exemplares cujo modo de construir é limitado a certas regiões, quem não conhece na generalidade essas encantadoras casas antigas que ainda se mantêm até dentro das portas das nossas primeiras cidades? Como não haja quem sinta o que elas têm de comum e adequado ao país em que vivemos! Essas casitas sorridentes, sempre alegres na sua variada caiação; casas dum branco radiante como o da roupa còrada ao sol, outras da côr de rosa com os beirais verdes, dando-nos uma impressão de frescura que lembra melancias acabadas de retalhar. Brancas, côr de rosa, vermelhas ou amarelas -- quem não sentirá o aconchego expresso nos seus vãos bem proporcionados, a lhaneza das suas portas largas e convidativas, a linha doce dos seus telhados de beira saliente com os cantos graciosamente revirados, o aspecto conciliador dos seus alpendres, as trapeiras garridas respirando suficiência... finalmente, as suas chaminés hospitaleiras e fartas!

Voltamo-nos hoje para todas essas cousas com a saùdade dum equilíbrio perdido: é um regresso ao bom senso, uma reacção no bom sentido após a longa época de indiferença ou

insensibilidade estética. Não se trata dum impulso romântico para as velharias; é apenas o reconhecimento da importância da arquitectura como



índice de civilização, sentindo-se a necessidade duma grande reforma.

Enumeremos alguns traços arquitectónicos que são de todo recomendáveis, repelindo outros por ilógicos ou simplesmente porque ferem o

sentimento de quem aprendeu pelo livro da Natureza.

A beleza fundamental do aspecto exterior duma casa está nas suas proporções; estas porêm não se estabelecem por meio de tabelas; é indispensável uma educação especial do sentido da vista para se poder proporcionar com harmonia e nobreza. No emtanto, dum modo geral se pode afirmar que está actualmente incutido entre nós um gôsto desnatural, uma noção falsa de elegância, a qual se julga ser exclusivamente atributo das cousas altas e estreitas; como se vãos, pilastras, painéis, esteios, — tudo tivesse de ser esguio para ser elegante.

E' um vício de sentimento cuja origem fácilmente se descobre.

E' que desde que há decadência do sentimento artístico, todas as vezes que se pretende fazer obra imponente, antolha-se-nos a grandeza das cousas passadas; e quando há uma compreensão grosseira da grandeza em arquitectura, julga-se poder ganhar imponência pelo simples aumento das dimensões.

Acontece porêm que a crescente exigência das pessoas que construem tem sido acompanhada por um encarecimento muito considerável dos terrenos para edificar. Uma área que antigamente seria reservada para uma ou duas salas apenas, é hoje ocupada por uma habitação

nteira. Ora, como não se desiste de certas pretensões a imponência, — que se faz? Exagera-se muito a altura de todas as cousas, já que alargar nada se pode. E daí os vãos altíssimos, as portas esguias com bandeiras inúteis, os pés-direitos exagerados e por consequência a predilecção geral por tam aberrantes proporções (1).

Ora seria bom convencermo-nos de que o que é corrente na arquitectura portuguesa dos bons tempos são os vãos avantajados na largura, isto é, o contrário do que hoje se usa. Nós vemos nesta característica um reflexo daquela nossa tradicional maneira de ser que se traduz também pela palavra *largueza* e cuja expressão genuína talvez subsista ainda na nossa generosa hospitalidade provinciana.

---

(1) Tem-se procurado dar a certas construções da cidade o aspecto interessante que com razão nos encanta em antigas casas portuguesas; para isso se têm copiado pormenores arquitectónicos isoladamente, adaptando-os tais como se encontram nas edificações originais. Dá-se porêm o caso de que o que nos encanta nas antigas casas não são sómente os pequenos pormenores separáveis, é acima de tudo o conjunto das proporções e estas na maior parte das vezes não se podem manter nas modernas construções citadinas. São os terrenos hoje incomparávelmente mais caros, portanto mais exíguos, obrigando a juntar mais as janelas e a estreitá-las; por outro lado as prescrições

Mas há outras cousas que, além de nos serem caras pelo amor da tradição, são belas em absoluto. Já fizemos menção das paredes caiadas em qualquer côr; não só por serem de uso antigo as recomendamos, é que são na verdade de aspecto muito mais agradável que paredes pintadas a óleo.

O caiado dá às superfícies uma certa palpitação de vida, dá-lhes uma auréola de frescura... quidão na ardência do estio, suspende e alivia em scintilações a luz esmagadora do sol de Agosto, aumenta a transparência nas projecções de sombra... Depois, com o tempo, nada perde do seu valor decorativo; quanto mais antiga a caiadura, mais interessante se torna o seu manchado de oxidação.

---

das entidades administrativas são inexoráveis no que respeita a pés-direitos, e as normas higiénicas de hoje pedem uma certa superfície de iluminação e arejamento que só se obtem tornando as janelas muito altas, já que não se podem alargar. De tudo isto resulta que fica absolutamente perdido o efeito que se esperava obter, e as casas assim arquitectadas parecem às vezes as antigas... mas reflectidas num espelho côncavo que torna as imagens esguias e caricatas.

Muitas vezes também se cai no êrro de ignorar quanto em certos casos o carácter duma construção é devido à simples espessura das suas paredes — êrro bem patenteado nesses «castelos» que hoje se constroem e que parecem ser feitos de cartão.

Porque será que todos se habituaram a ver beleza no oxidado dos bronzes de arte, até nas representações da figura humana? Opinariam por acaso que se embotasse a vida que pulsa numa obra de arte assim sob uma camada gorda de tinta a óleo? Semelhante consideração merecem as nossas casas, mormente as do campo onde o contacto com a Natureza é mais amplo.

E' ver como as paredes caiadas atraem e parece que amparam as flores dum jardim. Quem ama as flores já deve ter observado a falta de simpatia que existe entre estas e o oleoso revestimento das habitações burguesas a que tantas vezes, por cúmulo de mau gôsto, se dá uma côr de chumbo carregada. Pobres plantas exiladas pelos jardins da cidade, entre um pesado gradeamento de ferro fundido e uma parede que as repele como que receando o seu contacto!

A côr é um elemento expressivo que em arquitectura não se deve desprezar. Pois se temos a facilidade de por meio da côr dar uma feição característica às casas, por muito modestas que sejam, porque não havemos de fazer largo uso dêste processo tradicional? O branco fica bem em toda a parte mas o seu domínio são as regiões mais áridas como os campos do Alentejo, ou o cálido litoral. Como variantes há

o branco de nata, o anilado, o enxofrado ou flôr de tília e toda a escala que se liga com os amarelos que começam no tom de palha e vão até a riquíssima côr de ocra pura. Além da côr de rosa a que já acima aludimos, temos o vermelhão que tam bem fica junto dum pomar de laranjeiras; temos o sangue-de-boi, bom companheiro dos velhos ulmeiros nas estradas do termo de Lisboa, e temos o nobre verdete, duma técnica difícil, mas de tam aristocrática tradição que mal o podemos imaginar sem que o vejamos como fundo de qualquer pátio senhorial sombreado por esbeltas acácias em flor.

Não quere isto dizer que a cal seja o único paramento digno da habitação; há casos especiais em que é admissível a pintura a óleo, em certas obras nas ruas duma cidade e quando tenham uma arquitectura desenvolvida e rica. Mas nós não nos podemos habituar a ela; dá-nos sempre uma impressão semelhante à de quando vemos uma pessoa que passeia uma capa de borracha nova por um belo dia de sol.

A caiação está para as casas como o fresco tecido de linho para a mesa das refeições, serve aos ricos, serve aos remediados, serve a todos, —é clássico o seu emprêgo e nunca poderia ser substituído com vantagem pela sêda mais rica.

Impróprio é o uso de se pintarem as persia-

nas ou gelosias das janelas da mesma côr que as paredes exteriores da casa. Janelas são órgãos necessários, indispensáveis numa casa; não há razão alguma para que se disfarcem. Uma fachada ganha interêsse se houver um contraste qualquer, bem achado, entre a pintura das paredes e a das persianas. Quando tudo é pintado da mesma côr e que os vãos estão todos fechados, então as casas assemelham-se a grandes caixas mais próprias para armazenagem de quaisquer materiais do que para habitação de gentes.

Por a enxilharia (pedra aparelhada) não se poder considerar como económica, não nos deteremos a falar nela. O seu emprêgo é sempre belo quando dentro das tradições regionais; devemos, porêm, prevenirmo-nos contra os hoje tam queridos revestimentos de pedra rústica. E mais difícil do que se supõe a adopção do género rústico de construir; demanda um critério muito experimentado para não resultar em infantilidade ou barbarismo. É tam interessante o rústico bem compreendido como impossíveis de tragar são todas essas fantasias muito artificiosas, mas nada artísticas, que a todo momento encontramos aplicadas nas vivendas de campo mais pretensiosas.

No emprêgo do tejolo deve também haver um cuidado especial. E' um belo elemento de

decoração quando aplicado criteriosamente, mas é detestável quando em casas de habitação se adopta o cânone de construções industriais estrangeiras, nomeadamente das francesas. Para não errarmos na aplicação do tejolo devemo-nos cingir aos modos orientais que tiveram um reflexo nas nossas construções mudéjares, e — aproveitando o que há de extremamente interessante nestes processos — livrar-nos hemos de cair na imitação dos incolores modelos fabris que nenhuma relação podem ter com as nossas tradições e que tanto desarmonizam no meio da nossa paisagem.

Mas antes de prosseguirmos na análise das diferentes feições exteriores duma casa, é preciso dizermos ao que devemos atender em primeiro lugar se se trata duma casa de campo cujo efeito venha a fazer parte mais ou menos importante duma certa paisagem: temos obrigação de procurar harmonizar a nossa obra com o conjunto de circunstâncias que dão o carácter especial à localidade. Não é cousa de explicar em poucas palavras como isto deva suceder; o processo é complexo visto que se tem de atender à psicologia do proprietário, respeitar os elementos picturais da paisagem e manter-se dentro da categoria própria da obra, sem perder de vista as condições materiais do sítio nem desprezar certas tradições regionais.

E' certo porêm que o primeiro dever de ordem estética para quem construi é o duma adaptação absoluta ao ambiente em volta da casa, e no modo como isto se consegue está a pedra de toque do valor artístico de qualquer construção no campo.

Nas cidades, sobretudo nas nossas cidades construídas sem um plano inteligente que respeite as condições panorâmicas especiais de cada lugar e onde há o maior desprêzo por êsse argumento ao qual temos tristemente de recorrer sempre em última instância — o atractivo dos estrangeiros, — para essas o caso é muito diferente; o que na maioria das vezes convêm é o máximo isolamento entre as construções vizinhas, é procurar a imunidade numas circunstâncias em que qualquer harmonização é de todo impossível.

Bem mais grata é a solução do problema no campo, tanto mais fácil quanto maior é o interêsse pitoresco do local.

Um êrro em que muitas vezes se incorre é o de se desprezarem condições topográficas existentes que, bem aproveitadas, podem dar grande realce às linhas gerais duma casa. Quantas vezes se vê um proprietário despender somas importantes em movimento inútil de terras só para poder começar a construir num chão raso, sacrificando árvores e acidentes de terre-

no que só por si dariam o maior encanto a um jardim!

Uma vez encontrada a linha externa da casa e estabelecidas as suas proporções — cousas de importância primacial para o bom efeito, pode-se em seguida cuidar das diferentes partes da construção e seus pormenores.

Grande importância tem a forma de cobertura. Mais uma vez insistimos em que o encanto dos telhados antigos não é apenas o resultado da sua idade:

1.º A telha de canal ou encanudada é mais *forte* na sua forma que a do tipo chamado marselhês. Convêm esclarecer o que são formas fortes na arquitectura: são todas aquelas que exprimem de maneira mais evidente a sua função nas edificações; neste caso estão, por exemplo, as telhas de canal e de escama que pela sua forma evidenciam melhor de que quaisquer outras a sua função de protecção e abrigo nas construções.

2.º Devido a uma mais sôlta articulação do material têm os telhados construídos à antiga maior facilidade em se adaptarem a qualquer feitio, e daí aquelas linhas de sanca muito graciosas, aquela doce curva dos telhadas antigos.

3.º Sabe-se que em toda e qualquer obra, em que seja admitido carácter artistico, a im-

pressão maquinal é sempre inimiga da beleza, tanto pior quanto mais aparente fôr a acção da máquina, quanto menor fôr a intervenção do sentimento do artífice.

Esta regra não só tem aplicação às diferentes qualidades de telha como também serve para explicar a relativa fealdade dum sem número de materiais modernos empregados na construção, tais como certos ladrilhos, azulejos, ornatos de estuque ou de ferro fundido.

Muitos dos nossos leitores por certo se espantarão de saber que na Inglaterra, em todas as construções mais cuidadas e em que se procura maior regalo para a vista, é regra geral determinar-se o emprêgo exclusivo de telhas (às vezes até de tejolos) de feitura manual.

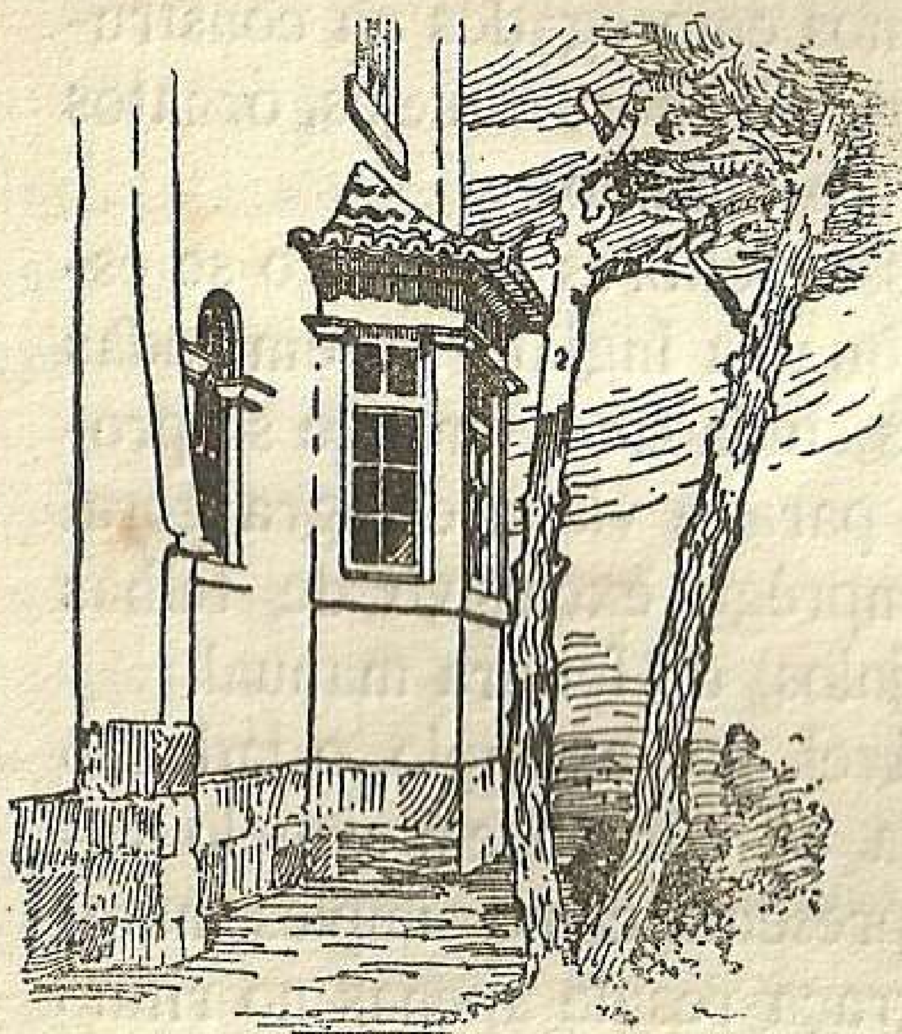
Porque é aceitável, por exemplo, o ladrilho sem desenho, duma só côr ou em singelo xadrez? Porque se apresenta como simples material que é, cuja graça reside apenas no ritmo das juntas ou no contraste das duas côres, sem pretensão de ornamento engenhado sôbre princípios errados.

Vale a pena definir o que são estes princípios errados na ornamentação.

Ninguêm emprega qualquer motivo ornamental sem por isso querer produzir uma sensação de agrado; ora não é admissivel que esta se nos possa transmitir sem que tivesse primei-

ro existido na pessoa que compôs o referido motivo.

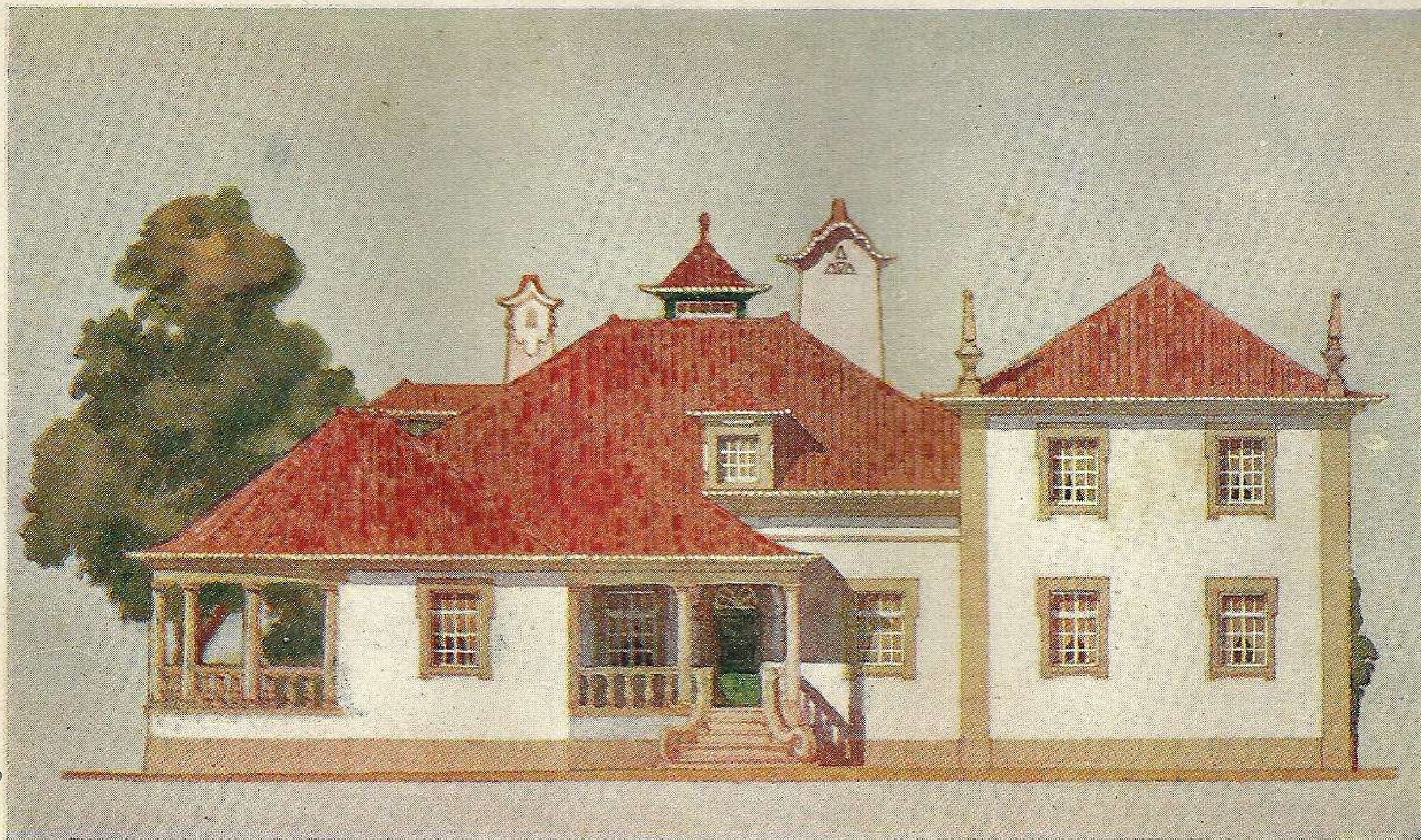
Ornatos feitos por maquinismos ou fundidos, multiplicados ao infinito e sem vestigios daquela graça sem a qual não há princípio algum de beleza, são cousas que devemos banir das nossas casas, desprezando-as por inúteis e fastidiosas.



Voltando ainda a falar nos telhados,— actualmente há muito entre nós o desgracioso costume de prover as casas de campo com grandes abas salientes, revestidas de madeira aparelhada e guarnecida de frágeis arrebiques também de madeira ou de ferro fundido.

Nada há de mais impróprio.

Pois se temos os lindos beirais em variadas combinações por todo o país, porque não os havemos de reproduzir ou de desenvolver achando novas combinações? Não há bordas de telhado mais belas que as que são arrematadas



PROJECTO DE CASA SUBURBANA NO MINHO

por um beiral à portugesa. Essas outras, as dos chamados *chalets*, desde há muito que estariam condenadas se se pensasse um pouco no custo da sua conservação; raquíticas criações, o nosso clima não as perdoa e só se podem manter protegidas por camadas de tinta a óleo renovadas constantemente.

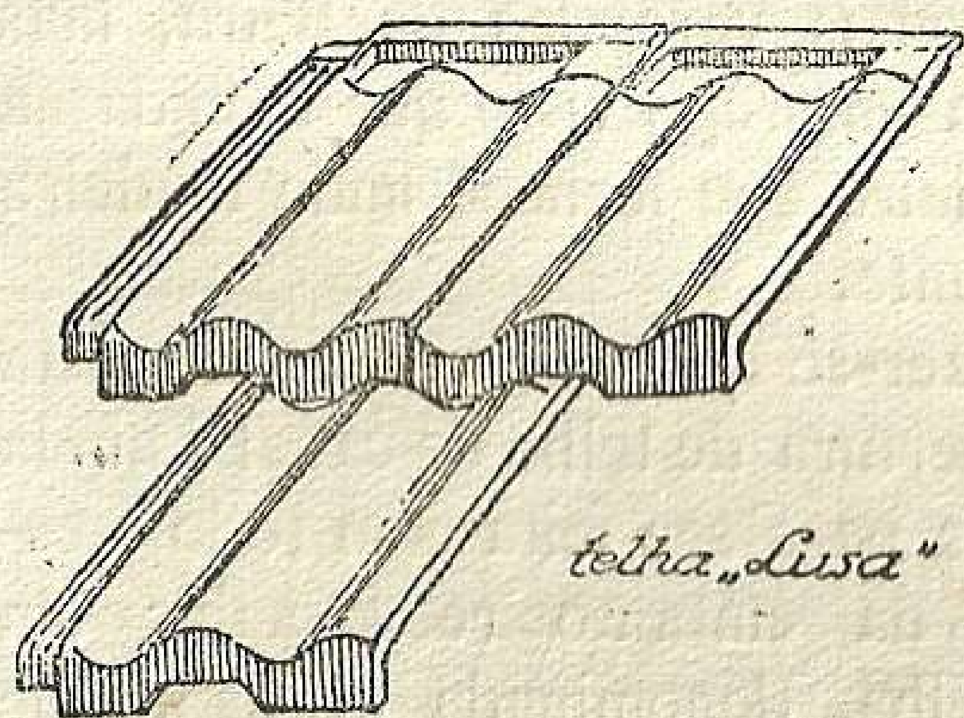
É um bom exemplo de errada adopção de processos estranhos de construir.

Sabemos que a madeira tem aplicação tambêm nas tradicionais varandas da Beira, mas aí é lógico o seu emprêgo visto que abunda na região o castanheiro que fornece linda madeira e da mais resistente.

É preciso dizer-se que sob o ponto de vista económico a cobertura de telha de canal é ainda assim dispendiosa para ser feita com todo o esmêro; podemos na emtanto recomendar um certo tipo de telha, denominada «Lusa», que apareceu há alguns anos no mercado e que, emquanto se não inventar outro melhor, é bastante satisfatório. O seu assentamento é exactamente como o da telha de Marselha; não tem porêm o aspecto prensado daquela, porque é uma simples ondulação com profundo relêvo. Sôbre um beiral à portuguesa com suficiente balanço e ligando-se a êste por meio duma sanca bem lançada, as coberturas de telha «Lusa» arrematam-se perfeitamente e, querendo gastar-se mais

alguma cousa, o que vale muito a despesa é empregar telha vidrada, com vidro transparente ou de côr verde, obtendo-se assim um belíssimo telhado sem defeito.

Apareceu tambêm últimamente um outro tipo de telha cujo assentamento é como o da telha de Marselha, mas cujo aspecto agradável iguala um certo tipo que se empregou em algumas construções pombalinas e no qual avulta um largo canal ligado a uma parte convexa mais estreita.


telha „Lusa"

A cobertura é sempre uma feição muito importante no arranjo da linha geral duma construção modesta, e grande cuidado devia haver sempre em ordenar os elementos que a compõem.

Se percorrermos as ruas das nossas cidades modernas e se fizermos uma excursão pelos seus subúrbios, debalde procuraremos o predomínio de motivos alpendrados que naturalíssimo seria poderem-se encontrar num país com o clima e com a tradição arquitectónica de Portugal.

Ao contrário do que sucede por exemplo em Espanha, onde no sul se conserva a tradição dos pátios, nós não temos ainda uma disposição de casas generalizada e lógica que corresponda às exigências do nosso clima e da nossa maneira de viver.

Se o calor de verão nos apoquenta, as nossas casas, ainda as mais ricas, não oferecem na sua maioria um refúgio próprio e apetecível nesses dias em que voltamos da rua extenuados e ansiosos de encontrar a celebrada frescura dos pátios meriodinais.

Aos próprios quartos de banho, não se lhes dá a importância que o nosso clima justificaria nem sabemos aproveitar o pretexto da tradição mourisca para a sua disposição.

Por outro lado, num clima de extremos como é o nosso, sofrem-se inclemências do frio por não haver nas moradias modestas outro lar além daquele em que se prepara a comida.

Em geral o confôrto íntimo das casas não está em harmonia com a sua parte representativa cuja importância somos tentados a exagerar.

Quantas vezes sem consideração cometemos o desacêrto de adoptar certos estrangeirismos. Fizemos a observação de que nas construções modernas escasseiam os alpendres; em compensação abundam os recintos envidraçados (por todos os lados e por cima) que se prestariam

apenas à cultura de plantas exóticas. Mas não é para êsse fim que êles se utilizam; não se sabe bem para que possam servir, — torreiras no verão, brejos no inverno, servem principalmente de campo para as mais bárbaras combinações de vidros de côr.

Mas deixemos estes sinais duma triste falta... não dizemos já de gôsto mas de pensar, e entremos finalmente na casa.

A porta, imaginamo-la bem acolhedora, antes baixa que alta, mas larga, (1) abrigada por um alpendre com seus esteios de alvenaria, de pedra tôsca ou lavrada, e assediada de todos lados por plantas trepadeiras contidas por latada ou por caniçados em esmerado concêrto. — Um só batente de madeira à vista, protegida apenas por verniz transparente, separa-nos do interior da casa.

A porta desliza pesada, mostrando que é espessa e boa guardadora. Entramos num pequeno vestíbulo que até nas casas modestas não

---

(1) Uma boa proporção para qualquer porta de entrada de casa é por exemplo aquela em que se toma por base da largura o espaço necessário para duas pessoas passarem a par, e de altura pouco mais que o suficiente para caber um homem alto de chapéu na cabeça.

deve minguar; serve de guardavento e tem lugar bastante para cabides, capacho e umas escôvas. Cobre o chão singelo ladrilho vermelho, e em volta das paredes um rodapé alto, de azulejo miúdo enxadrezado, apara bem os salpicos da chuva quando alguêm chega acossado pela invernia.

Todas as casas têm a sua importância simbólica especial. Num vestíbulo, ao mesmo tempo que nos desempoeiramos devemos tambêm lançar para longe de nós a má disposição por onde infelizmente se rasteja a qualidade de comércio tido lá fóra com o mundo exterior. Devemos portanto cuidar do arranjo destas pequenas mas importantes divisões, cujo aspecto logo de entrada nos deve impressionar agradávelmente.

Se o morador trata de negócios em sua casa é indispensável que dêste vestíbulo se abra uma porta para o escritório; nós porêm entramos daqui directamente para a divisão central da casa — um átrio relativamente amplo e fundo donde nas habitações mais modestas se pode com vantagem fazer sala de estar. Corresponderia êste átrio portanto ao *hall* inglês e, como naquele, tambêm daqui pode partir a escada que comunica com o andar dos quartos de dormir.

Desta casa poderíamos criar uma feição que bem caracterizasse a moderna habitação portuguesa. Distinguir-se-ia do *hall*, à primeira vista,

por ter um aspecto mais maciço, pelo predomínio da pedra-e-cal em vez dos ricos madeiramentos mais próprios dos países do norte. Aqui seriam os silhares de azulejo, os arcos, os nichos abobados, os pilares de alvenaria ou pedra, os tetos arqueados — onde ali se vêem escoras e prumos afeiçoados de rijo carvalho, frontais tecidos com a madeira à vista, cortinados no lugar da rótula portuguesa... Aquele efeito delicioso de se estar dentro duma grande arca teria de ser substituído aqui pela impressão de recolhimento e frescura, semelhante à que é própria dos nossos pátios claustrais.

Parece-nos que esta é a orientação em que se poderiam aproveitar as qualidades pitorescas dos nossos antigos pátios e átrios de entrada por uma forma consentânea às modernas condições de vida.

A arquitectura das nossas casas é assunto sério de mais para que nos comprazamos em fantasiar decorações histórico-scenograficas, sem uma razão de ser apoiada na vida que nos cerca. Mas nada nos obriga a adoptar esquemas correntes, banais, vulgarizados através duma indústria indiferente á educação estética do público. Pelo contrário, é perfeitamente justificável que procuremos encontrar meios de transpor para a nossa habitação de hoje elementos produtores de quaisquer impressões que nos en-

cantem nas casas de outros tempos, — afinidades, reflexos apenas — ; nada de copiar porêm, que o copiar, a não ser durante os exercícios de aprendizagem, é improdutivo; quem só copia é porque não distingue o essencial do acessório — e o que nós queremos é o reconhecimento do que é essencial, é o afêrro à nossa índole verdadeira, o sentimento e a intuição das cousas portuguesas, para assim podermos caminhar criando alguma cousa também e não nos enredarmos apenas no retrilhar de fórmulas invariáveis e portanto estéreis.

Iamos dizendo que do átrio, conforme o imaginamos, poderíamos muito bem desenvolver um tipo original de aposento. Nele reüniríamos certas feições tendentes a procurar aquela mesma sensação de encanto qne nos causam os pátios do Alentejo ou certos átrios de entrada nas casas das províncias do norte. Sómente... átrios de entrada e pátios, não os poderá haver em todas as casas, sobretudo nas que se têm de cingir a uma área mais resumida. Aliaríamos portanto aqui uma disposição de origem estranha, o *hall*, mas cuja conveniência dia a dia se vai impondo entre nós, a uma série de elementos caracterizadamente nacionais cuja adopção e subsecutiva transformação garantiriam o rejuvenescimento e o prolongamento do seu encanto.

Ìsto se faria sem uma ligeira sombra que fôsse de introdução forçada de quaisquer motivos arquit ectónicos. Justificar-se-ia a introdução de: arcadas, pilares ou colunas para suporte de galerias ou do teto; pavimentos de combinações de tejolo e azulejo; silhares de azulejo; começos de escada em elegantes e amplas volutas; rótulas como disfarce duma passagem de serviço ou recatando a galeria de acesso aos quartos de dormir; estrados, nichos, fontes, decorações em azulejo recortado, grades torneadas de madeira ou forjadas em ferro, parapeitos arrendados, motivos de pedra esculpida em cachorros, fechos de arco, etc., etc.

Nem se julgue que um aposento assim seja incompatível com o aconchego e o agasalho durante os meses de inverno; lá está ao fundo de amplo recesso uma grande lareira à alentejana, e para o que possa haver de excessivo frescor nos silhares de azulejo, bem andaremos nós se restaurarmos uma linda e antiga usança, colgando as paredes, durante o inverno, de interessantes tecidos.

Passando agora do átrio para a sala de estar, entramos numa das principais divisões cuja orientação deve ter sido cuidadosamente escolhida, conforme mais acima observámos. É êste um aposento cuja definição precisa ainda de ser generalizada entre nós. Devia corresponder

à sala que em inglês se chama «parlour» — como quem diz «parlatório». É a casa de reünião da família e como tal deve ser talhada para servir convenientemente estas reüniões habituais. Na maioria dos casos haverá alguma mesa grande de serão, mesa espaçosa e sólida, que não trema logo que alguêm se encoste a ela e que tenha cabimento para a indispensável leitura, trabalho e passatempos predilectos. Se houver lareira a algum lado, aí também se deve contar com um agrupamento de cadeiras para o cavaco, e se a casa fôr no campo e quando haja a felicidade de ao fim de cada dia se poder ver como a tarde cai pelos montes e vales — então também a janela terá importância primacial, não só como fonte de luz senão como moldura por onde a imaginação gostosamente se furta às preocupações dêste fadário em que andamos.

Depois que se tenha estabelecido o programa dos cómodos segundo os hábitos e as predilecções da família, vemos que uma planta irregular pode muitas vezes favorecer a disposição dêste aposento e que não há necessidade duma sujeição rigorosa ao eterno quadrilátero rectangular. Muitas casas que ainda hoje se construem parecem delineadas por algum hortelão incapaz de imaginar outra disposição que não seja semelhante à dos seus alfobres. Como aqui se fazem as sementeiras, indiferentemente, em qual-

quer dos rectângulos entre os regos, ali também se podem trocar as designações das casas sem que a planta fique melhor ou pior por essa causa.

Sôbre a casa de jantar, seja grande ou pequena, oferece-se-nos principalmente dizer que ela deve estar numa bem estudada relação com as outras salas e com a cozinha. E muito desagradavel quando a sala de jantar está longe das outras salas e que para lá chegar é necessário percorrer um corredor muito comprido, que de resto se devia evitar sempre que fôsse possível. Entre a sala de jantar e cozinha convêm sempre que haja uma copa, ou casa parecida, que tenha as portas de comunicação convenientemente colocadas, de maneira que quem estiver á mesa não veja a cozinha nem possa ouvir os desabafos da cozinheira ou sentir os fragores da luta que esta trava com as suas batarias. Quando se têm hóspedes à mesa e que numa daquelas refregas acontece ir parar ao chão qualquer unidade de pó-de-pedra, é muito penoso para a dona da casa ter de sorrir graciosamente; portanto é de toda a conveniência estudar-se o bom isolamento daquela divisão e estamos em dizer que prefirível é ser a cozinha afastada de mais do que muito próxima da sala de jantar.

A boa ventilação da cozinha é também muito

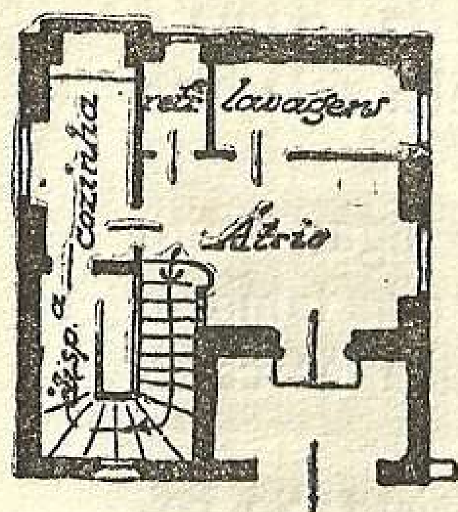
importante para o confôrto duma habitação. Há casas em que o vento impele diária e regularmente todos os cheiros para o interior da habitação, o que se torna muitas vezes insuportável.

Somos chegados ao alpendre da casa, essa feição característicamente portuguesa cuja importância se não pode exagerar. O alpendre moderno entre nós devia merecer tal desenvolvimento que se tornasse indispensável, principalmente nas habitações desprovidas de jardim. Para isso não nos faltam os melhores modelos nas nossas construções antigas; mas a sua adaptação às casas modernas terá de ser sempre muito ponderada e bem estudada.

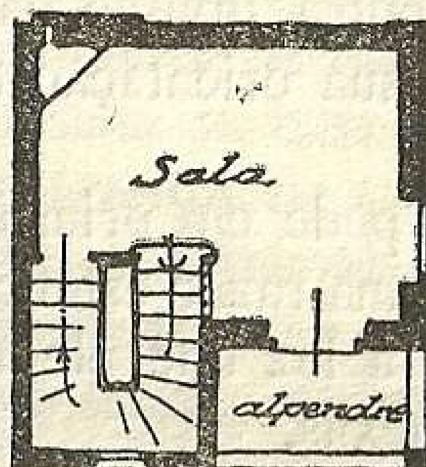
O alpendre pode ser saliente, recto ou em curva, reìntrante, ligado a uma escada interior ou exterior, mais ou menos independente da casa ou do jardim. Quer êle se abra junto à sala ou a qualquer outra divisão da casa, o que é preciso é que a sua orientação tenha sido bem escolhida.

O alpendre pede em primeiro lugar muito sol, não só por uma razão estética, mas também para compensar a luz que êle rouba às casas que lhe ficam anexas.

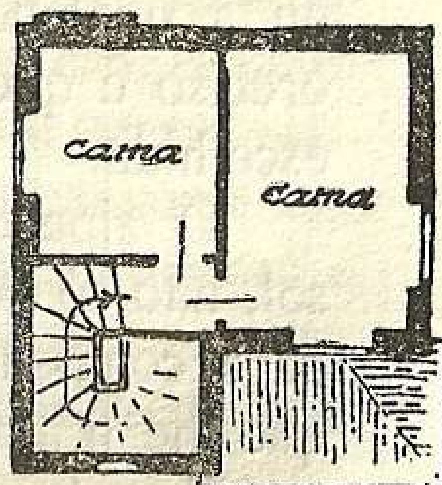
Um alpendre sem sol é cousa triste. Se pelas circunstâncias topográficas e panorâmicas o



Rez-do-chão.



1.º Andar



2.º Andar

alpendre houver de ser voltado ao norte, recomenda-se o seu envidraçamento que resguardando a casa das nortadas não oferece aqui o perigo de a tornar uma estufa. Neste caso os vidros pequenos com o jôgo variado dos seus reflexos suprem até certo ponto, quanto ao aspecto, a falta de incidência directa do sol.

O segrêdo dum alpendre interessante e engraçado está acima de tudo nas suas proporções. Com a mania geral moderna de tornar esguias todas as partes da construção, tem-se muitas vezes exagerado a altura dos esteios em relação ao fundo do alpendre, tirando-se-lhe assim todo o carácter e destruindo dêsse modo em absoluto a impressão de abrigo que em primeiro lugar um alpendre deve sugerir. Outro êrro muito comum é o de se temer que os esteios duma certa robustez prejudiquem por obstrução as vistas que por êles se disfrutam, quando a verdade é que se dá justamente o contrário na maioria dos casos. Já não dizemos os artistas pintores, senão todos os bons fotógrafos, ao quererem tirar uma vista panorâmica, procuram torná-la interessante mediante a inclusão dum tronco de árvore ou cousa semelhante que se recorte bem no primeiro plano da paisagem escolhida. Qualquer pessoa passeando entre árvores pode fàcilmente observar como as grandes linhas verticais destas valorizam o as-

pecto dos longes. Dá-se o mesmo com as colunas ou arcos dum alpendre que, emmoldurando convenientemente as vistas, lhes dão grande realce. Portanto as delgadas colunas de ferro fundido, ou outras quaisquer invenções que pessoas cegamente amorosas do progresso possam imaginar, nunca hão-de igualar a beleza imperecível duma coluna ou de um pilar de pedra bem desenhado, nem tampouco poderão contribuir para o maior realce ou encanto das vistas que emmolduram.

É agora tempo de tratarmos, dum modo geral, de vários pontos da construção. Na impossibilidade de descrever todos os casos que se dão e todas as variantes de decoração que se podem adoptar em cada caso, vamos apenas enumerar alguns exemplos, de cuja exposição se possam porventura deduzir certas regras.

Começando, no interior da casa, por tratar dos pavimentos, não queremos deixar de observar que o bom gôsto abrange também partes invisíveis da construção. Na execução das partes própriamente construtivas, ainda que ocultas, seria de muito mau gôsto fugir-se à necessária solidez e aos bons preceitos de mão-de-obra. Mau gôsto não é só a aplicação errada dum ornato; é também por exemplo um sobrado

que bamboleia logo que é acabado de assentar ou um caixilho que não veda a água da chuva.

Os pavimentos querem-se sempre muito firmes, de qualquer material que sejam, segundo a qualidade dos diversos aposentos e várias condições técnicas. Já nos referimos ao valor negativo do ladrilho prensado com desenho. Uma visita às fábricas de ladrilhos convencerá qualquer pessoa de que estes padrões são produzidos sem a mínima parcela de prazer por parte de quem os executa. São portanto todos maus na sua repetição fastidiosa e tanto piores quanto mais pretensioso fôr o seu desenho.

Se outra prova não existisse, bastaria, para dar a medida do ponto a que chegou a corrupção geral do gôsto, o facto de serem mais queridos do consumidor todos aqueles padrões por cujo desenho e sombreado se procura dar às pessoas a ilusão de que andam a pisar sólidos geométricos colados de bico para o ar, estrêlas em alto relêvo e outras suavidades mais!

As côres únicas e algumas das suas combinações são recomendáveis para pavimentos; devem porêm evitar-se os grandes contrastes quando não sejam em casas de passagem. Nas divisões onde mais se permanece convêm maior sobridade na composição dos desenhos, para se não tornarem inquietantes, desviando constan-

temente a nossa atenção. A mesma regra diz respeito não só a ladrilho, como também a lajedos, nos quais se podem obter efeitos ricos apenas pela disposição das juntas e por pequenas diferenças de côr provenientes de acasos na pedra.

Empregam-se já hoje também muitas vezes as combinações de ladrilhos ou tejolo e pequenos azulejos, de que se podem tirar lindos efeitos, ora seguindo os modelos antigos ora inventando novas combinações.

Outro pavimento interessante, que antigamente se usava em átrios de entrada, é o que se compõe de seixos de diferentes côres formando qualquer desenho geométrico e que, pela sua natural irregularidade, se torna muito mais divertido à vista do que aqueles empedrados mais perfeitos de pedra britada que, pelo rigor com que em geral são executados, se tornam monótonos. No emtanto o género rústico dêste trabalho só permite que tenha aplicação nalgum alpendre de entrada, nas ruas de jardim ou em certas divisões das casas campestres. Nestas últimas é também encantador o uso de se cobrir o chão térreo de mós que serviram nos antigos moinhos, preenchendo-se os intervalos com qualquer outro material, como tejolo ou seixos.

Os pavimentos assoalhados, além da sua fraca condutibilidade térmica, têm de agradá-

vel a sua côr quente e a não menos importante elasticidade própria da madeira. O tratamento mais interessante é o lustro puxado sôbre uma camada de cera e água-raz, podendo por meio de infusão escurecer-se a madeira ao ponto que se quere. Sôbre combinação de côres e desenho dos parquês nada há que acrescentar ao que ficou dito a respeito dos ladrilhos. Outros pavimentos modernos, constituídos por uma massa que se estende à pá e que depois adquire grande rijeza, são de muita conveniência prática e agradáveis à vista quando bem tratados.

Passando agora do chão para as paredes, começamos por recomendar as boas espessuras principalmente das paredes em contacto com o ar exterior. Não ha perigo de se exagerar esta recomendação, tam conveniente sob os pontos de vista do confôrto e do aspecto como justificada pela falta de atenção dispensada a tam importante assunto. Para as pessoas dotadas de alguma sensibilidade, o confôrto prestado numa casa pelas paredes grossas é cousa que se aprecia constantemente. Paredes não servem só para sustentar os pavimentos e a cobertura, devem ser tambêm isoladoras eficazes que nos protejam das temperaturas excessivas; não nos devemos portanto contentar em dar às paredes-mestras apenas a espessura determinada pelas condições estáticas: faremos bem em pensar

quanta frescura no verão, quanto agasalho no inverno lhes queremos ficar devendo.

Quanto aos vãos a abrir, tanto nas paredes exteriores como interiores, pondere-se bem de antemão qual o seu número e tamanho indispensáveis. Prevalece entre nós o costume de se copiar ignorantemente — até nas casas mais modestas — a disposição simétrica de vãos própria das casas apalaçadas. Daqui resulta quási sempre o sacrifício dos aspectos ou das comodidades interiores por amor duma simetria rudimentar e descabida. Em geral uma única fonte de luz é suficiente para cada divisão pequena; pelo menos é mais bela assim a distribuição de claridade e sombra nas casas. Há portanto vantagem em fazer estas janelas de ampla largura, o que raras vezes sucede nas nossas casas modernas, onde se prefere a multiplicidade de vãos estreitos que, além de desfavoráveis para a interessante distribuição da luz, não fazem senão encarecer a obra e dificultar a disposição do mobiliário.

Surgem às vezes dúvidas sôbre a razão que possa haver no emprêgo de vidros peqnenos, no lugar de grandes chapas, como as que a indústria moderna hoje fornece com facilidade. Seja dito, para esclarecimento de quem no caso ainda não pensou, que os vidros pequenos são em geral preferidos pela importância decorativa

que tem o reticulado dos seus pinásios, já porque melhor revelam a função protectora das janelas, já porque dão aos trechos vistos através dos caixilhos uma graça especial e comparável àquela de quando ao rosto duma mulher se antepõe um véo de grossa malha.

Cousas semelhantes se podem dizer das portas interiores. Parece estar aqui convencionado que não se considera casa capaz toda aquela em que não houver esguias portas de dois batentes e em grande abundância. Vemos em quási todas as habitações portas inutilizadas e batentes que se não abrem, só por se quererem imitar sem critério e em espaços muito resumidos, certas disposições que só ficam bem nos palácios. Na grande maioria das nossas casas são suficientes as portas de um só batente quando tenham uma boa largura (nunca menos de $0^{m},80$). Tampouco se justificam a exagerada altura das portas e o uso das grandes bandeiras de madeira ou envidraçadas. Nunca se consegue um aspecto de confôrto onde os vãos têm um tal predomínio sôbre os lanços de parede. Compreende-se que, não havendo aonde encostar os móveis nem cantos onde as pessoas se sentem ao abrigo de correntes de ar, não pode haver aconchego; e toda a divisão não muito grande onde se abram grandes portas de todos os lados dará sempre a impressão duma antecâ-

mara, vestíbulo ou casa de passagem entre várias salas.

As maneiras de tratar a parede sob o ponto de vista artístico são tam numerosas e variadas que a sua descrição não cabe no limite dêstes apontamentos. O proporcionar dos membros, a escolha e distribuição das côres são cousas demasiado subtis para serem aqui tratadas extensamente. Como, porêm, em questões de côr em geral se peca pela simples falta de discorrer, seguindo-se cegamente os maus exemplos, vem a propósito dizermos alguma cousa a êste res-respeito.

Ouvimos falar, a todo o momento, de côres que *dizem* e de côres que *não dizem* umas com as outras; há nisto em geral certa confusão e grande soma de preconceito. Só quem tem o gôsto apurado — naturalmente ou por cultura — é que póde achar, num dado caso, a côr ou combinação de côres que melhor efeito produzem. Não há porêm a este respeito regras que se possam fixar, há apenas o instinto artístico discriminador.

A Natureza bem nos ensina. Para exempliplicar, e sem sairmos dum único género de criação, lembremo-nos daquela árvore em que, segundo reza a Bíblia, a serpente se enroscou para colhêr o fruto proíbido. Há a maçã carmesim espelhenta que sobresai tentadora-

mente da folhagem baça dum verde glauco, e cujo brilho parece ter a sua justificação em chamar a atenção do homem para a apetecida polpa que a casca encobre. Êrro seria se quiséssemos inferir daí que em todo o fruto comível o mesmo contraste de côres complementares deveria existir. Pois não temos nós maçãs não menos apetitosas que na côr se confundem com a própria folhagem e se distinguem dela apenas pela sua redondeza? Que diferença de aspecto — entre a laranjeira com os seus globos luminosos espreitanda por entre as lanças de bronze da sua ramagem e a modesta aveleira cujos frutos se escondem e disfarçam entre as próprias fôlhas!

Não há côres — nem suas combinações — feias; o que muitas vezes há são aplicações erradas. Confusa é quási sempre a ideia que se faz das leis de harmonia e do contraste. Começa porque é impossivel marcar o limite onde termina a harmonia e onde principia o contraste. O que temos são fortes contrastes — e pequenos, fracos contrastes que vão declinando até a uniformidade absoluta.

Dão-se casos que requerem as mais fortes oposições, exclusivamente; outros em que só as mais fracas têm cabimento; muitos porêm em que a escolha entre estes dois tipos é arbitrária.

A côr pode depender em primeiro lugar da

qualidade do material, do destino das partes em que é aplicada e do temperamento de quem projecta ou habita a casa, mas deve submeter-se em todos os casos a um plano geral preconcebido.

Quando, por exemplo, obedecendo a um certo esquema de côr, se empregam materiais nobres, prevalecemo-nos da sua côr característica fazendo-a realçar, quer por meio de tratamento especial, quer pelo contraste com as partes adjacentes: — mármores polidos, madeiras enceradas, estofos interessantes, etc., etc. — Se os materiais empregados forem mais vulgares e que a sua côr não tenha interêsse especial, admitem-se as infusões ou o revestimento com tintas para se obter a côr desejada, mas nunca se finge coisa alguma na nossa habitação, procurando iludir. A pedra mais vulgar é superior em riqueza ao melhor fingimento de qualquer mármore exótico, feito por meio de pintura. Madeira de pinho envernizada é mais nobre do que uma imitação de pau santo, executada pelo melhor fingidor.

É de péssimo gôsto usar cousas fingidas quando se não pódem ter as verdadeiras. Um dos piores sintomas que atestam o baixo nivel da nossa cultura estética é a quantidade de *artistas fingidores* — como aqui se lhes chama que nunca deixam de ter grandes incumbências

de trabalho. O fingimento tornou-se uma verdadeira epidemia entre nós, tendo-se chegado ao cumulo de se pintarem certos materiais a fingir o que por sua própria natureza já eram! (1)

Um dos preconceitos mais generalizados é o de que as salas de jantar devem sempre ter como tom geral a côr escura de certas madeiras, e encontram-se freqùentemente casas onde esta regra é de tal modo respeitada que vemos ali o chão, as paredes, o teto e todo o mobiliário como que recoberto do mesmo môlho côr de castanha, sendo escusado dizer-se que a maioria dos materiais tem apenas uma representação fingida.

Para darmos agora um único exemplo da escolha errada da côr, demonstrando ao mesmo tempo a exigência dum forte contraste em certos casos, saìremos um pouco fora da esfera de construcções de que nos propusemos tratar, dando um exemplo que é sumamente frisante. Referimo-nos às lojas de venda da carne em Lisboa.

---

(1) Vemos, é verdade, em muitas decorações do século XVIII grandes obras de marcenaria todas recobertas de uma pintura *marmoreada* e de várias côres, Não se trata aqui, porêm, de uma imitação embusteira; é apenas a adopção de um esquema de côr com o fim de se obterem efeitos ricos de decoração sem que exista ali o propósito de se iludir ninguêm.

Por uma falta absoluta de instinto ou critério artístico, ou pior: por uma propensão extravagante para o que é errado, vemos na maior parte dos talhos da cidade empregarem-se certos mármores do distrito que mais se assemelham às carnes cruas, com manifesta satisfação dos senhores cortadores. O resultado é que os açougues parecem-nos às vezes todos talhados na carne, construídos da própria febra, com suas nervuras e manchas de gordura. A pedra lioz quando polida parece sebo, por isso a preferem para as mesas dêstes estabelecimentos. Em vez de se escolher um material que contrastando com as peças destinadas à venda as faça parecer mais apetitosas, abrem-se-nos estabelecimentos onde nos repugna entrar pela impressão que temos de que as suas ombreiras, paredes e mesas se acham completamente ensebadas ao ponto de se confundirem com a própria carne.

Porque é, por exemplo, que o azul é a côr clássica das louças de mesa, a côr de que nunca nos enfastiamos? Porque é a única que não coincide com a de qualquer manjar que nos possam apresentar, contrastando agradávelmente com os alimentos ou cozinhados mais freqüentes.

Já falámos acima dum caso em que não convêm haver desenhos com pronunciados contrastes ou oposições de côr: — é nos pavimentos das casas em que mais se permanece. Se empre-

garmos aí parquê ou ladrilho, não devemos fugir às combinações em contrastes muito atenuados; o mesmo quanto às paredes, se quisermos que delas sobresaiam objectos interessantes, como quadros, etc.

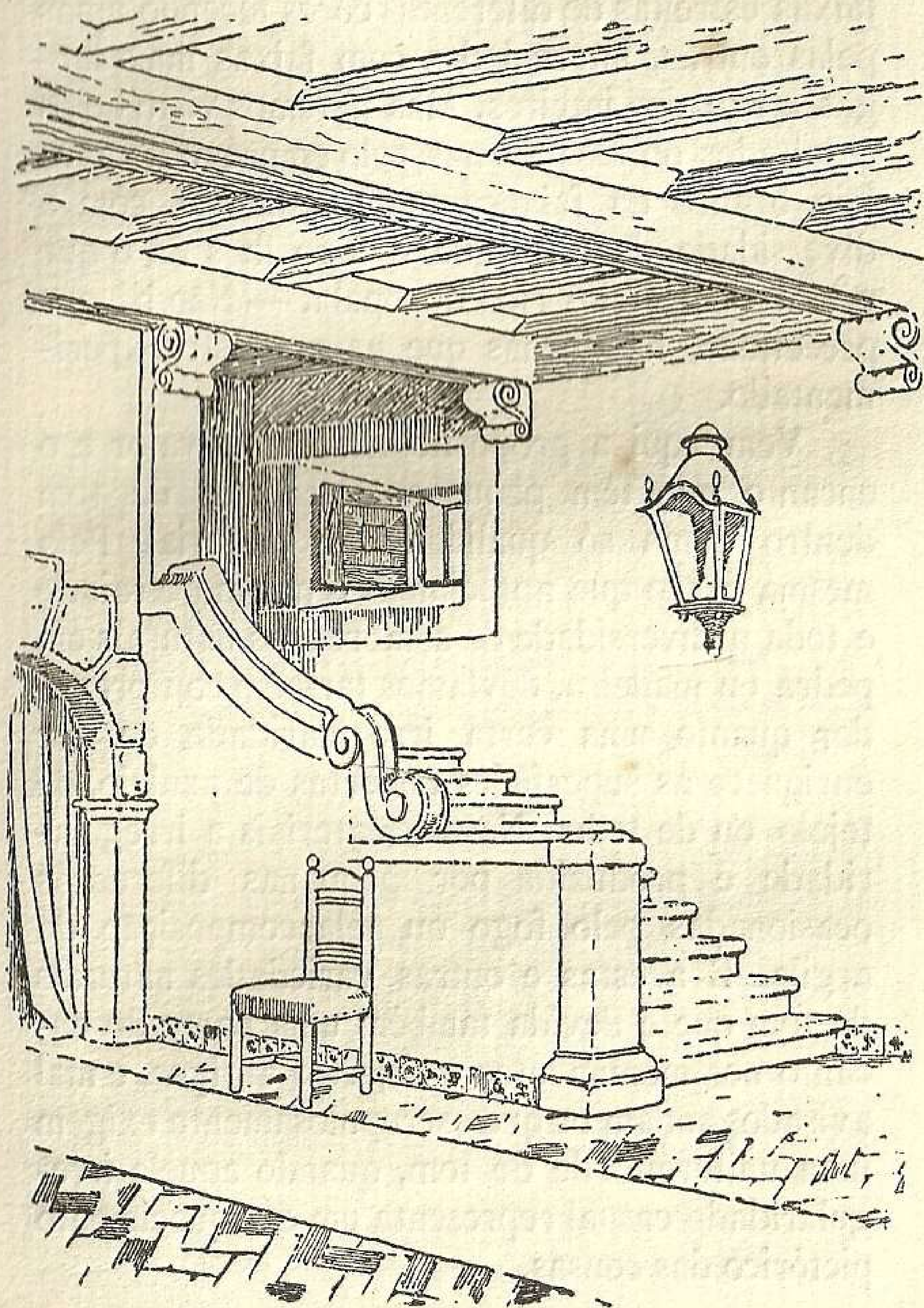
Não se pode sugerir, nem muito superficialmente, qualquer combinação de côres a adoptar nos diferentes aposentos. Os donos das casas têm aqui a possibilidade da mais vasta escolha, contanto que haja criteriosa combinação e aplicação. O que se deve primeiro que tudo é assentar no carácter que se quere dar às casas, ao seu mobiliário ou decoração. Ha géneros de sobriedade, de leveza, de garridice, de frescura, de aconchego; há o género reservado ou solene, o higiénico, etc., e suas combinações, e todo o proprietário deve saber o que melhor lhe convêm para cada um dos seus aposentos.

É ocasião de falarmos sôbre a decoração em azulejos. Dá-se freqùentemente um caso que é elucidativo sôbre o seu valor decorativo — de facto, sôbre o valor de qualquer processo decorativo. Os azulejos antigos encantam-nos sempre que os vemos aplicados, quer sejam os de relêvo ou mudéjares, os de figuração em azul ou os de padrão — tanto em azul como polícromos — quer os do género *grotesco* ou de livre ornamentação. Quando porêm os tentam imitar, inspirando-se nêles ou mesmo copiando-os, é que

se vê o que isso tem de difícil. É que a graça dêsses productos artísticos de outras épocas não reside apenas na sua boa invenção; a sua beleza depende também muito do *gôsto* de quem os executava e da habilidade manual adquirida pela longa prática. Nós hoje cremos ingénuamente que mandando estampilhar (processo quási maquinal) qualquer padrão antigo, temos logo conquistado o mesmo efeito artístico que naquele nos seduziu. É engano. No nosso azulejo de hoje falta-lhe o melhor — aquele prazer do artista ou mesmo do artífice de qué já temos falado, e sem o qual não há decoração própriamente dita, e donde resulta uma graça que nem é prejudicada pelas imperfeições técnicas do antigo azulejo nem beneficiada pela regularidade dos que hoje em dia se produzem.

É preciso ter-se muita discrição quando se aplicam azulejos em silhares e em outras decorações. Não é material barato, e acontece muitas vezes que o resultado artístico obtido pelo seu emprêgo não corresponde ao que nele se despendeu; — chega mesmo a corresponder negativamente, nos casos em que muito preferivel seria a cal branca da parede a certos azulejos, muito perfeitos quanto à sua tècnica, mas sem um vislumbre de interêsse de ordem sentimental.

É de resultado eternamente seguro o xadrez, grande ou pequeno, a direito ou em dia-



gonal, de côres escolhidas — bem apropriadas; são também lindas muitas das combinações de faixas estreitas de diferentes côres tecendo umas pelas outras, intercaladas com faixas mais largas e azulejos inteiros. Mas já temos visto belos resultados obtidos apenas pelo emprêgo do azulejo branco da faiança mais ordinária, com a diversidade de tons que o fogo lhes dá e que produz um efeito rico de opala. — Não há que preceituar, ha apenas que haver gôsto experimentado.

Vem aqui a propósito lembrar o valor e o encanto que têm pequenas variações de tom dentro duma só qualidade de material. Pela mesma razão que apreciamos o mármore raiado e toda a diversidade de sombreados naturais em pedra ou madeira, devíamos também compreender quanto uma certa irregularidade de cor enriquece as superfícies cobertas de azulejo, de tejolo ou de telha. Nestes materiais a irregularidade é produzida por pequenas diferenças ocasionadas pelo fogo ou pela composição da argila. É a estas e outras variedades naturais de tom que é devida também uma parte do encanto nos monumentos e objectos antigos, e mal avisados andam os que escrupulosamente exigem uma uniformidade de tom, quando aquela irregularidade casual representa um enriquecimento pictórico das cousas.

É incompreensível que se seja tam escrupuloso na pureza de côr de certos materiais e que por outro lado, quando se cai no vício da imitação das mesmas cousas, se procure então a máxima variedade de tons e o maior número de *acasos*. Nisto se tem chegado, cremos nós, ao máximo absurdo, pois conhecemos edificações onde os arcos de tejolo são pintados a fingir o próprio tejolo com diferenças de tom distribuídas ao acaso.

Tratando de paredes, não será inútil lembrar algumas cousas, que quem se propuzer decorar uma casa não pode ignorar.

Dum modo geral se pode afirmar que qualquer divisão no guarnecimento das paredes em sentido horizontal fará parecer as casas mais baixas e portanto mais largas. Pelo contrário, qualquer disposição divisional ao alto estreitará à vista qualquer aposento, fazendo-o parecer portanto mais alto. Estas condições têm limites porquanto, se se multiplicam indefinidamente os elementos divisionais, passam êstes a valer como simples padrões, e para tais o resultado é que sendo êles muito grandes, a superfície em que se aplicam mingúa aos nossos olhos, e sendo êles muito miúdos, aumenta do mesmo modo.

Sempre à mesma pretensão de imitar a arquitectura de palácios é devido também o feís-

simo modo por que vemos as paredes de muitas casas apaineladas por molduras de estuque. Esta falsa maneira de enriquecer as quatro paredes duma casa começa por diminuir consideravelmente as superfícies livres, acentua os cantos, acanhando todo o espaço, e dificulta qualquer arranjo do mobiliário. Achamos preferível, na maioria dos casos, fazer-se uma divisão horizontal à altura das portas ou das janelas, tratando a parede daí para cima ou como friso ou como fazendo já parte do teto, o que tem a grande vantagem de diminuir aparentemente o pé direito de cuja exagerada altura as nossas habitações citadinas em geral enfermam (pág. 31, nota).

De qualquer maneira que a côr fôr aplicada nas paredes é fora de dúvida que produz melhor efeito sendo baça do que brilhante. As tintas de têmpera ou aguadas são por isso dum aspecto mais agradável.

Excelente resultado, especialmente para tons discretos ou neutros, obtem-se pelo baratíssimo processo de aplicar a aguada colorida sôbre a cal fresca das paredes.

Querendo-se obter efeitos mais ricos, o processo mais nobre é pintar ou estampilhar quaisquer motivos sôbre o fundo liso; isto é, porêm, assaz dispendioso e daí se justifica a aplicação de papéis pintados. Há lindos papéis

de fabrico estrangeiro — (infelizmente os nacionais são em geral tam feios que só se podem aplicar do avesso) — e apenas há que recomendar cuidado em não se escolher algum padrão cuja exeburância ou viveza de côr possa vir a causar enfado.

Haverá nesta altura por certo alguêm que faça a observação de que sendo os papéis de forrar paredes de fabrico macânico, não se percebe porque se recomendem sob o ponto de vista artistico. Ao que é muito simples de responder provando a falta de justeza dessa observação. Os bons papéis estrangeiros são feitos sôbre originais pintados por artistas de primeira ordem. O trabalho dêstes é em muitos casos do mais alto encanto. Ora o processo de reprodução é tam perfeito que dá tôda a graça dos originais, não havendo a mais pequena falta e acusando até os mais ligeiros acasos do toque do pincel e do escorrimento das tintas. A reprodução dos motivos é portanto perfeita e assim nos transmite todo o encanto do original; há apenas o senão da freqüência com que se repetem, e é êsse o seu ponto fraco.

Por isso nós dissemos que mais nobre é a pintura-à-mão de quaisquer motivos, o que no emtanto representa também uma despesa muito elevada se pretendermos obter efeitos de côr e de desenho análogos aos dos papéis mais ricos,

Sôbre as portas e as carpintarias em geral, resta-nos apenas dizer que não são as muitas molduras que lhes dão importância ou beleza. Nobres proporções, boas espessuras e apurado acabamento são as condições essenciais. Se a madeira fôr das menos vulgares, que ela se dê bem a conhecer; se não fôr, temos nós a faculdade de lhe dar a côr que mais nos agrade, e tôdas as côres poderão ser convenientes; no entanto, quando não haja segurança no próprio critério ou gôsto experimentado, é preferivel adoptarem-se côres de tradicional emprêgo como o branco-marfim, a côr granate, o azul-cinza ou então um verde sêco ou cinzento esverdeado. Procura-se instintivamente qualquer côr que não se confunda com o tom próprio da madeira, tal é a aversão que se deve ter pelos fingimentos ou imitações.

É agora a vez de falarmos nos tetos. É curioso que sendo os tetos aquela parte das casas que mais fácilmente dispensa qualquer ornamentação, é aí mesmo que por parte dos construtores mais se tem pecado contra o bom gôsto. Referimo-nos aos tetos de estuque.

Um aposento com o sobrado todo a descoberto e sem um único tapete ou esteira, ou uma sala com as paredes completamente destituídas do mais ligeiro guarnecimento são cousas que dão a uma casa um aspecto de estar desa-



PROJECTO DE CASA PARA UMA CIDADE DA BEIRA BAIXA

bitada; mas em qualquer pequena divisão das nossas casas pode muitas vezes admitir-se um teto absolutamente liso — desde que tudo mais esteja convenientemente guarnecido — pois que não haverá o perigo de se cair nesse aspecto de desconfôrto. O que é sempre dum efeito desastroso são os tetos providos ou sobrecarregados de molduras e ornatos banais.

Podem-se bem fazer tetos muito interessantes sem um gasto extraordinário de material e tempo, mas para isso é necessario que sejam delineados por alguêm que saiba obter, com relativa simplicidade, efeitos de distinção — o que nunca é possivel quando se empregam a esmo molduras e ornatos já de si banais e que, dada a sua repetição e falta de gôsto no dispor, se tornam verdadeiramente insuportáveis pela sua pretensão ligada a uma perfeita inutilidade decorativa.

Sendo pequenas as divisões, mais pequenas parecem se houver largas molduras estreitando a esteira do teto, obstruída já no centro por algum florão hipertrofiado. Basta em geral uma moldura bem desenhada e aplicada no alto das paredes mesmo junto ao teto para nos dar a impressão dum guarnecimento completo. Mas qualquer moldura, por singela que seja, tem de ser bem desenhada para ter alguma expressão.

Os tetos de madeira podem também ser

muito belos. O material em si tem de simpático, além da côr, a relativa segurança que nos sugere de que não se vai despenhar aos pedaços sôbre a cabeça de quem habita a casa. As vigas de madeira convenientemente tratadas e ficando à vista formam um teto que há-de ser eternamente agradavel. Há que obviar porêm com esta disposição à falta do indispensavel isolamento do som entre os andares, — circunstância importante a que raras vezes entre nós se atende. Os forros de madeira são mais interessantes quando executados pelo processo chamado à portuguesa, em que há sobreposição de fôlhas, dando um certo ritmo à esteira que pela maneira dita à inglesa não se obtem. Com fôrro à portuguesa e algumas molduras, bem perfiladas e dispostas, fazem-se tetos lindos, menos dispendiosos que os tambêm muitos belos tetos em caixotões.

As formas chamadas de masseira e de cúpula são de boa tradição portuguesa e dão lugar a uma infinidade de combinações que não excluem a originalidade.

É muito conveniente e louvavel que se copiem modelos antigos; mas se podermos, sem nos afastarmos da tradição, criar alguma combinação nova — maior prazer nos deve isto dar do que reproduzir obras antigas sem a menor colaboração do nosso esfôrço artístico.

A junção de travejamentos de madeira e fundos de estuque presta-se aos mais lindos arranjos, que mais ricos se tornam com a introdução de pinturas ou de obra de talha; mas nunca devemos cair em extravagâncias de estrangeirismos ou no esquecimento da lógica, como acontece por exemplo nesses tetos modernos que vemos e em que sôbre um fundo de estuque branco se espalha uma rêde de serrafinhos sem a mínima ligação com os elementos construtivos.

Desde os raros tetos mudéjares que nos restam até as masseiras do século XVIII, temos abundantemente em que nos inspirar, quer simplifiquemos quer que procuremos efeitos mais sumptuosos.

Tratámos acima de vários aspectos naquelas casas principais em que de ordinário mais longe se vai no caminho do feio e do absurdo; nas outras casas da habitação, ou por via duma decoração mal entendida, ou porque se julgue serem as normas da higiene incompatíveis com o belo, não raras vezes se falha também no tocante a beleza e à lógica.

Como já dissemos o que se nos oferecia com respeito a condições gerais comuns a tôdas as divisões duma casa, tocaremos agora apenas nalguns pontos especiais de que ainda não fizemos menção.

As precauções citadas a propósito das salas de estar, e com relação à posição e número de portas e janelas, têm particular importância no caso dos quartos de dormir onde muitas vezes se não conta com uma conveniente arrumação dos leitos.

Se há divisão onde se não deve nunca fazer exposição de coisas inúteis é o quarto de cama, não só no que respeita ao mobiliário, mas também a tôda a decoração. Nas paredes — qualquer fôrro que não seja finamente delineado e colorido com discrição poderá causar perturbações que incomodem quem por indisposição tenha de permanecer de cama. No emtanto, num quarto de dormir é próprio que se queiram representar quaisquer imagens ou símbolos gratos à pessoa que o habita e pelos quais os quartos se individualizam e se nos tornam mais queridos, diferenciando-se dos quartos de hotel que servem de alojamento a tôda a gente.

Quando não haja a felicidade de se possuir um jardim junto à casa, parece-nos que uma caixa com plantas floridas fora da larga janela, por onde de manhã deve entrar o sol, pode constituir a parte mais importante da decoração dum quarto de cama.

Nas casas de banho é lástima que não nos possamos mais vezes inspirar nas disposições características do Oriente, cuja tradição passa-

ria por nos ter sido legada pelos árabes e cujos modelos abundam, tam perto de nós, na fronteira Africa marroquina. Mas essas lindas disposições, com tinas cavadas no pavimento ou na espessura das paredes, com seus revestimentos de miúdo azulejo e seus arcos ou abóbadas, implicam uma despesa considerável que não estaria em harmonia com a categoria de casas de que nos propusemos tratar. Seja dito contudo que o clima e o regalo que uma instalação balnear devia representar para as pessoas civilizadas justificariam uma importância muito superior à que usualmente se dá a estes úteis e apraziveis lugares.

Quanto a cozinhas, copas e instalações sanitárias, as exigências práticas aí são bastante positivas e obrigam a certas disposições de utilidade evidente a que se não deve fugir. Muito importante é aqui a questão da ventilação: basta lembrar a inconveniência de quando a única janela duma cozinha ou duma retrete é exposta a nortadas ininterruptas que impelem todos os cheiros, bons ou maus, para dentro da habitação; por isso é bom cuidar em especial dêste importante ponto, adoptando, sempre que seja possivel, janelas ou frestas com orientação variada para o arejamento de cada uma daquelas divisões, ou pelo menos provendo-as de outros meios adequados para a ventilação conveniente.

Também nunca se deve descurar a disposição de qualquer escada.

Quando algum curioso se mete a delinear a planta duma casa com mais dum pavimento, acontece muitas vezes esquecer-se do meio de comunicação entre os diferentes andares, e só mais tarde se faz a introdução duma escada que sai sempre aleijada ou quási impraticável. De outras vezes então procura-se maravilhar os visitantes com uma escadaria fora de tôda a proporção com as salas a que ela dá acesso.

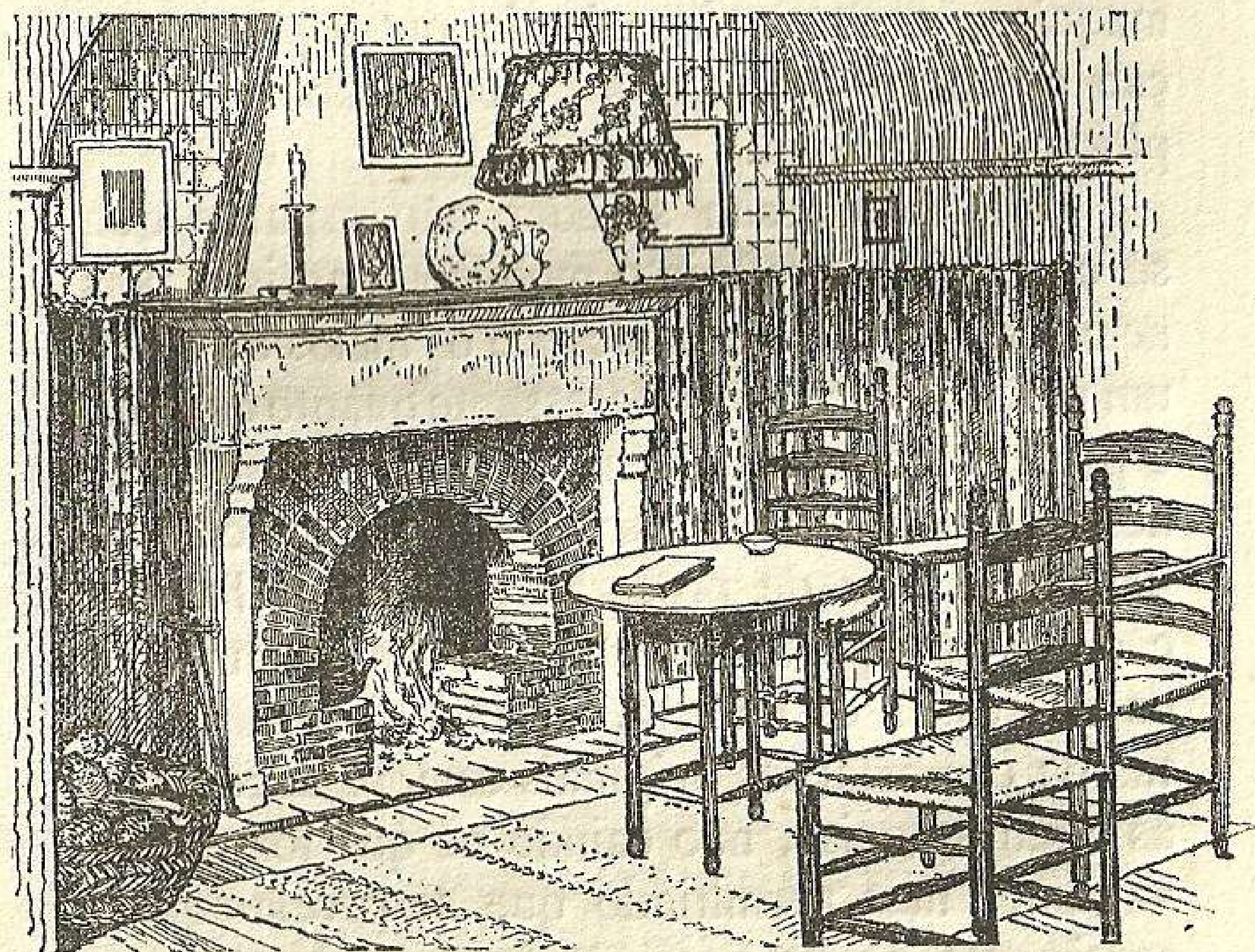
A beleza duma escada está, antes de tudo, no acêrto das suas proporções. É inútil sobrecarregá-la de ornatos, é ridículo guarnecê-la duma balaùstrada rica, se a relação entre a sua área e o tamanho das salas, a proporção dos degraus, a medida dos seus lanços e a altura dos pés-direitos, não forem cousas devidamente estudadas.

Percorridas assim sumáriamente as partes principais da construção, alguma cousa deviamos dizer sôbre o mobiliário; os limites dêste trabalho porêm não permitem que façamos mais do que tocar fugitivamente no assunto.

As leis que se devem respeitar na construção de casas são na essência as mesmas que determinam o carácter e a forma do mobiliário, havendo aqui necessáriamente menor obrigatoriedade de respeitar tradições. No emtanto é

sempre muito interessante quando se conciliam, sem esfôrço, hábitos modernos com formas que reflectem uma tradição.

Está muito em voga nas nossas casas a adopção de mobílias antigas autênticas, ainda quando não sejam herdadas. Este facto, apesar



do aspecto de mania que em alguns casos possa ter, não deixa de se justificar plenamente se pensarmos que podemos adquirir — por exemplo — uma belíssima cadeira do século XVIII, lindamente desenhada, de boa e rija madeira, sòlidamente construída e entalhada com habili-

dade e visível prazer por parte do marceneiro ou entalhador que a fez — que a podemos adquirir, diziamos — por um preço às vezes inferior ao que teriamos de dar por uma cadeira nova, produto fabril descuidado, sem beleza nas linhas, muitas vezes sem comodidade alguma, mas provido de qualquer ornamentação feita à máquina, e não evidenciando outra preocupação por parte de quem a gerou senão a da exploração lucrativa.

Emquanto assim suceder não espanta que se continue a preferir o mobiliário antigo, pois nem todos têm ao seu alcance os meios de obter um mobiliário novo e interessante quanto à forma e perfeito na sua construção. Mas quem estiver nessas felizes condições não deve renunciar ao grande prazer de procurar para a sua habitação novos aspectos que não se confundam com os das casas de outrem, achando formas inéditas ou combinações originais sempre adequadas às circunstâncias, não caindo no que fôr extravagante, mas permitindo que se revele aquele sentimento espontâneo, de forma e de côr, que não necessita das interpretações históricas para se manifestar com entusiasmo.

Depois do que temos dito compreender-se-hão as razões por que condenariamos quási todas as dispendiosas obras de estofador-decorador, todos os arrebiques inúteis dos mobiliários

modernos mais vulgares — os seus ornatos escusados, as suas ferragens de folhinha cunhada, os seus vidros de côr e espelhinhos biselados, — tôda a falsidade dos arranjos cheios de pretensão em salas de visitas onde há almofadas de setim com pinturas, cavaletes guarnecidos de bambinelas de pelúcia como suportes de retratos a esfuminho, flores de pano, bancos em forma de cogumelo, espelhos monstros e outras misérias caras —, assim como certas guarnições nas salas de jantar *vieux-chêne*, ou estilo Henrique II, com o seu ar solene sem seriedade e a sua pompa sem nobreza.

Não nos compete entrar aqui na pormenorização dêste interessante assunto, assim como tambêm não nos poderemos alongar em considerações sôbre um outro complemento, não menos importante, da casa de habitação — o seu jardim.

O desprêzo geral que entre nós se observa pelos jardins não é infelizmente compensado, como se poderia supor, por um exagerado cuidado no arranjo interior das casas. Ou seja por temperamento ou por efeitos de educação, a maioria dos nossos cidadãos ainda prefere a palestra na botica — ou à esquina — aos prazeres do convívio caseiro. Por seu lado as senhoras parecem conformar-se com esta circunstância, emquanto as crianças lá vão medrando confor-

me podem entre rigores e frioleiras e sem chegarem a conhecer um certo e dôce confôrto de ninho que emana sempre dos lares bem constituídos.

A quem souber escutar o que as plantas e flores nos têm que dizer, qualquer pedaço de terreno bem ajardinado fornecerá a melhor consolação após o contacto diário com a tam humana imperfeição do nosso semelhante.

Mas aqui também seria preciso irmos buscar aos antigos jardins a sua poesia perdida, se não nos quisermos contentar com a parca fantasia da maioria dos nossos jardineiros actuais. É que hoje deu-se em desprezar tudo aquilo em que consistia o encanto dos jardins de outros tempos. Uma placa de relva com uma palmeira ao meio e uma roseira de cada lado é o tema adoptado, — com algumas variações — em quási todos os jardins modernos. Uma ligação formal ao estilo da casa é cousa que se não procura. A disposição do jardim fica entregue a qualquer jardineiro, que depressa esgota as suas faculdades de invenção no delinear de algumas placas e ruas curvadas ao acaso. O jardim moderno não nos oferece, como o antigo, surpresas a cada passo; nele não se encontram pavilhões, caramanchões, alegretes, fontes embrechadas, tanquinhos e bancos forrados de azulejo, latadas e outras galantarias; as suas per-

spectivas não se sujeitam às principais janelas da casa, nem as suas ruas alguma vez seriam capazes de se desviar da linha recta por respeito a uma velha árvore; o jardim moderno parece ser todo inspirado na Obra Pública; é todo alinhamentos e terraplenagens, ruas calçadas com valetas e sargetas, bancos de ferro fundido, torneiras de latão... até postes de iluminação e letreiros de chapa esmaltada às vezes têm!

E as vedações da propriedade, não é tambêm muito simples o meio de as tornar atraentes? Tem-se bramado muito, e creio que impensadamente, contra os muros altos que vedam os antigos jardins e quintas da nossa terra, mas a verdade é que os jardins apenas gradeados (a não serem os muito extensos) não podem bem servir de recreio aos seus moradores. O nosso clima é bastantemente ventoso e as nossas estradas e ruas suficientemente poeirentas para que tenha justificação o ar de clausura de certas vedações. Acresce a isto a circunstância de que infelizmente não nos podemos fiar sempre na discrição dos transeuntes por receio que não vão êles, por falta de parede em que riscar, traduzir para o verbo a concepção favorita das suas imagens gráficas... pouco decorativas. Os muros altos tambêm têm o seu encanto, e não pouco. Alêm dos belos portões, dos graciosos

pavilhões de ângulo e coroamentos decorativos a que dão lugar, que interêsse não despertam essas janelas gradeadas que se abrem aqui e além nos muros dos antigos jardins, desvendando-nos trechos de pequenos paraísos terrestres e enchendo-nos de curiosidade pelo que não logramos ver?

São estas janelas uma feição das mais características dos nossos jardins dos bons tempos e por elas — que ocasionalmente se abrem ou se fecham — podemos conciliar o indispensável isolamento a que somos obrigados com a eventual necessidade de comunicar com o mundo exterior.

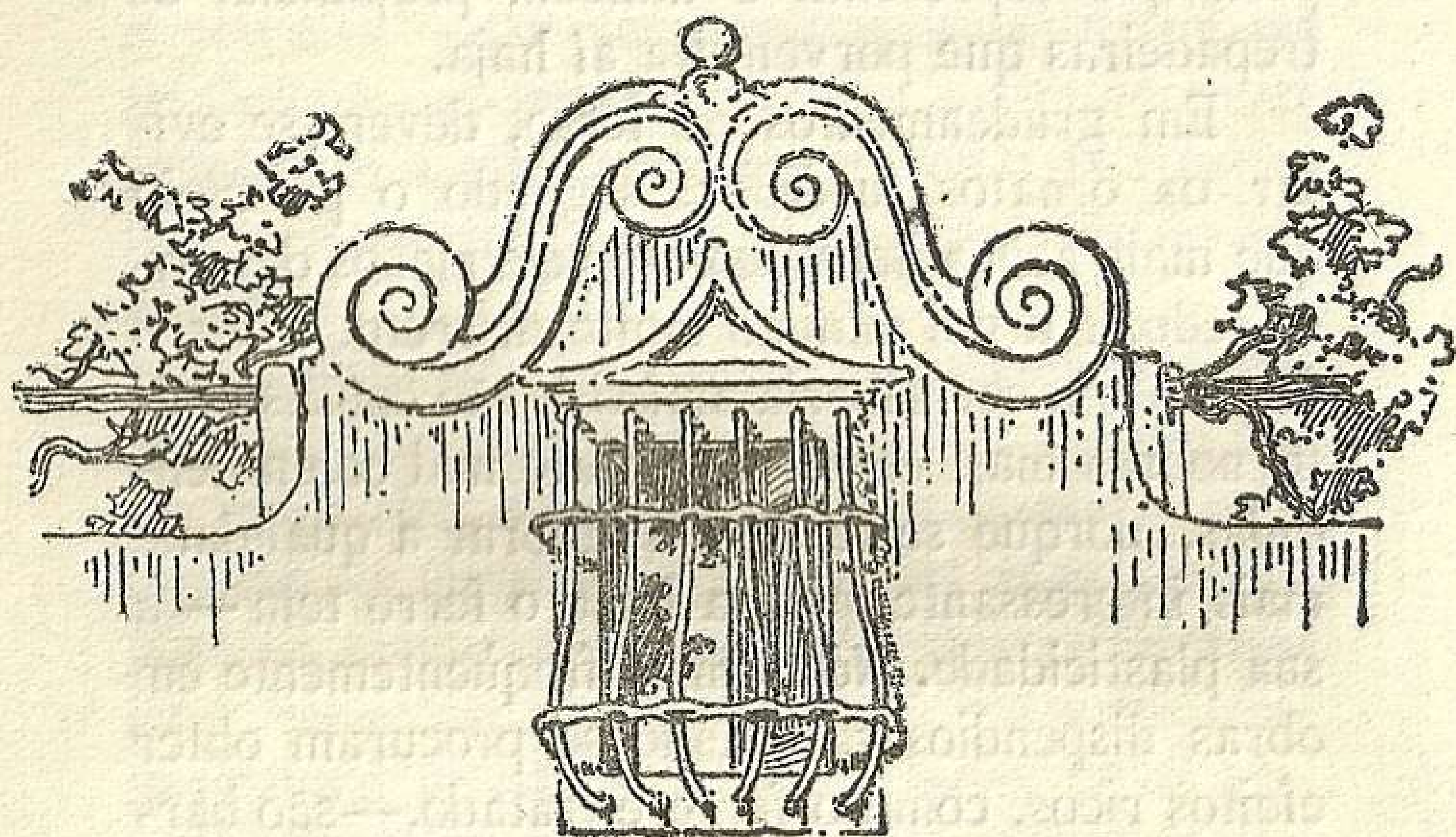
É claro que uma faixa ajardinada estreita, junto à casa, não pode sempre ser vedada por um muro alto, o que às vezes prejudicaria ou o aspecto da casa ou a vista das suas janelas. Mas há muitas maneiras interessantes de construir vedações menos fechadas; além dos gradeamentos de madeira ou de ferro, há os muros arrendados de tejolo, processo que se empregou muito no sul do país e do qual se tiram variados e belos efeitos característicamente portugueses. Neste trabalho entendemos que tôda a parte arrendada deve ser caiada, para igualar o resto da construção, com o que ganha aspecto de maior coerência e solidez; aqui o tejolo vermelho interrompido pela multiplicidade de

juntas dá uma impressão de fraca estabilidade, que não deixa contudo de ter o seu encanto em resguardos ou anteparos a dentro do jardim que não estejam em contacto com os lugares públicos.

As grades de madeira são muito pitorescas, mas de rápida deterioração, se não estiverem sempre a ser pintadas, — o que além da despesa que representa é também prejudicial às trepadeiras que porventura aí haja.

Em gradeamentos de ferro, devem-se evitar os ornatos fundidos, segundo o princípio que mais acima defendemos; pelo menos devem-se reduzir a um mínimo muito discreto. O ferro forjado e a serralharia artística são cousas muito nobres mas, entre nós, muito mal compreendidas, porque se teima em ignorar a qualidade mais interessante que na forja o ferro tem — a sua plasticidade. Nós vemos freqüentemente em obras dispendiosas, quando se procuram obter efeitos ricos, como o ferro é tratado, — são barras e barrinhas que se dobram, curvam, juntam, que se ligam e interceptam —, mas o que raras vezes vemos é a modelação a martelo como ainda em Coimbra alguns serralheiros, educados por Antonio Augusto Gonçalves, a sabem praticar, e onde em cada malhada se patenteia a habilidade do artífice e o gôsto e a graça com que trabalha.

Uma linda vedação nos sítios onde fôr aplicável é a dos muros vivos de verdura, que podem sempre ocultar discretamente uma vedação mais efectiva de arame farpado. Não discordamos, tampouco, do emprêgo de cimento armado para postes de vedação, contanto que se faça uso de formas absolutamente simples e adequadas ao material, sem que haja a preten-



são de imitar pedra ou madeira e dando lugar a que plantas trepadeiras ou outras verduras possam desfazer a monotonia de aspecto, característica daquele material.

Portugal é um país pequeno mas rico de aspectos. As ásperas serranias de Trás-os-Mon-

tes têm grandeza alpestre; o Minho é uma veiga úbere regorgitando de tenras verduras; as Beiras reunem num conjunto maravilhoso os caracteres daquelas duas províncias; o centro do país, sem ter a sedução triunfante das províncias do norte, é cheio de trechos surpreendentes e de tal diversidade que parecem o resultado caprichoso de tôdas as combinações possíveis de muitos climas; mais para o sul sopram já ventos da Africa e para além do Tejo ainda paira o rasto dos árabes; emfim, o extenso litoral é uma cinta irisada que enfaixa tôdas as terras do pequeno continente.

Nesta bela paisagem espalhavam-se as construções ou aglomeravam-se em cidades, vilas, aldeias; ora alcandoradas nas serras ou agachadas sob os grandes castanheiros, ora vestidas de branco e reverberando ao sol dos montados e dos estevais; algumas abeirando-se das águas dos rios, outras tôdas debruçadas sôbre o mar.

Em tôda a sua diferenciação se via uma harmonia perfeita com o ambiente que as cercava — uma integração absoluta na paisagem.

Então por uma quadra aziaga dum mau ano, surgiu o primeiro *chalet*, depois seguiu-se outro e logo mais outros — sintomas volumosos e obcecantes da moléstia que já então infestava o país todo: — a desnacionalização. Dentro em

pouco chegava-se ao extremo de parecerem representar aquelas construções híbridas o verdadeiro tipo de casa do Portugal moderno; e agora que os bons processos tradicionais da construção caíam em desuso, se alguêm se aventurava a tentar a sua restauração era logo acusado de querer dar nas vistas com a tafulice duma obra que se desviava do padrão consagrado.

Mas o exemplo duma casa feita «à antiga portuguesa» pegou, e a pouco e pouco vamos encontrando por todos lados o propósito de se volver ao bom caminho.

Copiam-se modelos antigos com maior ou menor compreensão do seu carácter; e se por emquanto ainda abundam as tentativas ingénuas, mas piegas e sem a necessária apreensão da índole nacional — é fora de dúvida que o movimento alastra, estando reservada aos mais fortes a dianteira numa evolução que se tem de operar, baseada com solidez num embevecimento da nossa arte antiga e sustentada fecundamente pelo grande nervo que só o talento pode conferir.



PROJECTO DE CASA PARA OS ARREDORES DE LISBOA

EXEMPLOS

CASA SUBURBANA NO MINHO

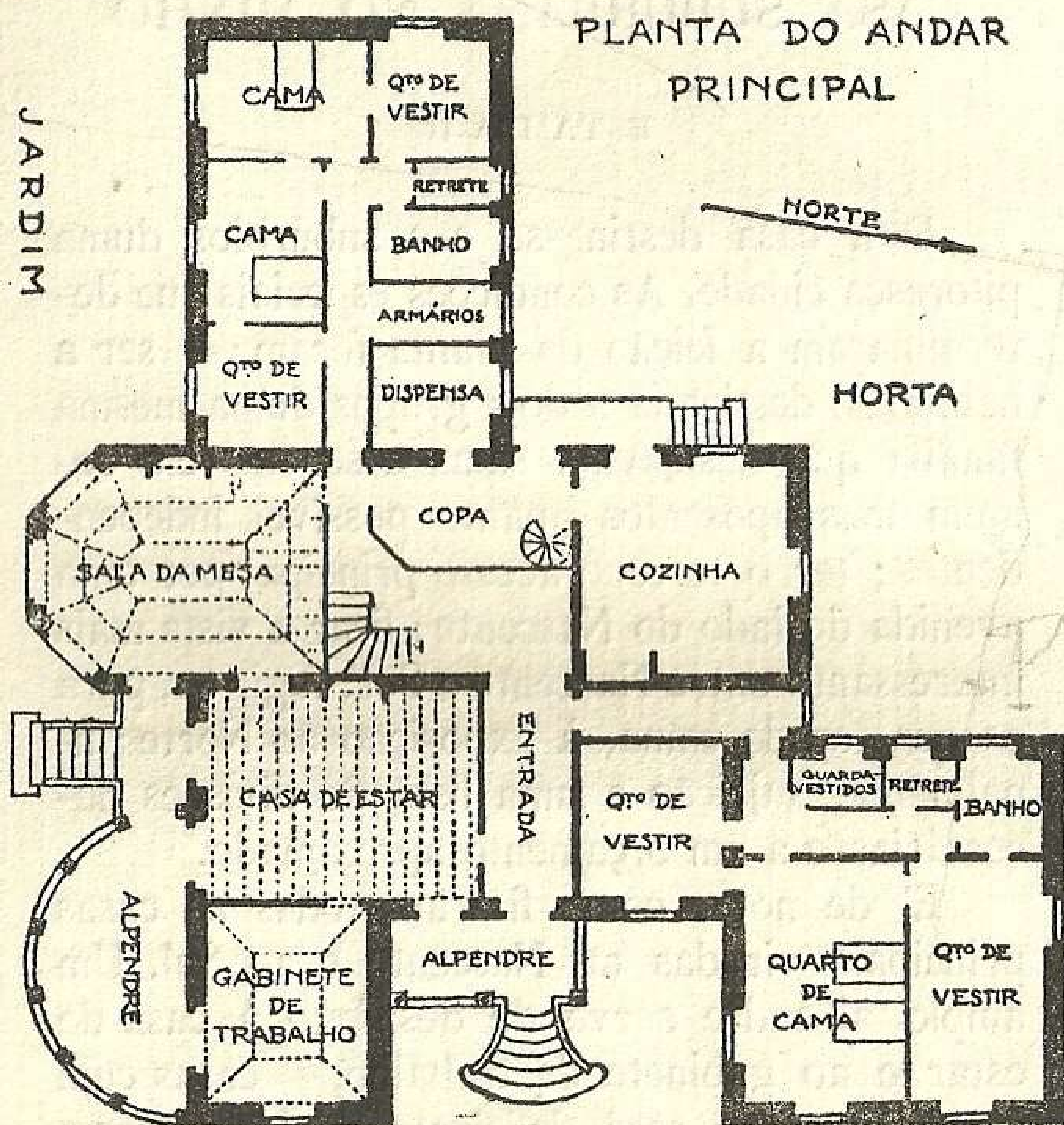
ESTAMPA II

Esta casa destina-se aos subúrbios duma pitoresca cidade. As condições especiais que determinaram a feição da planta foram: — ser a habitação destinada a dois grupos duma mesma família que desejavam salas e serviço em comum mas aposentos quanto possível independentes; ter o terreno acesso principal por uma avenida do lado do Nascente; ficar a vista mais interessante entre Nascente e Sul; fugir-se, para os quartos de cama, à exposição ao Norte; finalmente, sujeição a uma lista de divisões necessárias e a um orçamento aproximado.

E' de notar como ficaram todas as casas principais viradas ao Nascente e ao Sul. Um amplo alpendre serve de desafogo à casa de estar e ao gabinete de trabalho, — casas cuja iluminação não será deficiente devido a terem também janelas com luz directa. Na sua disposição semicircular o alpendre abrange, no panorama que daquele sítio se disfruta, o sector mais interessante do horizonte.

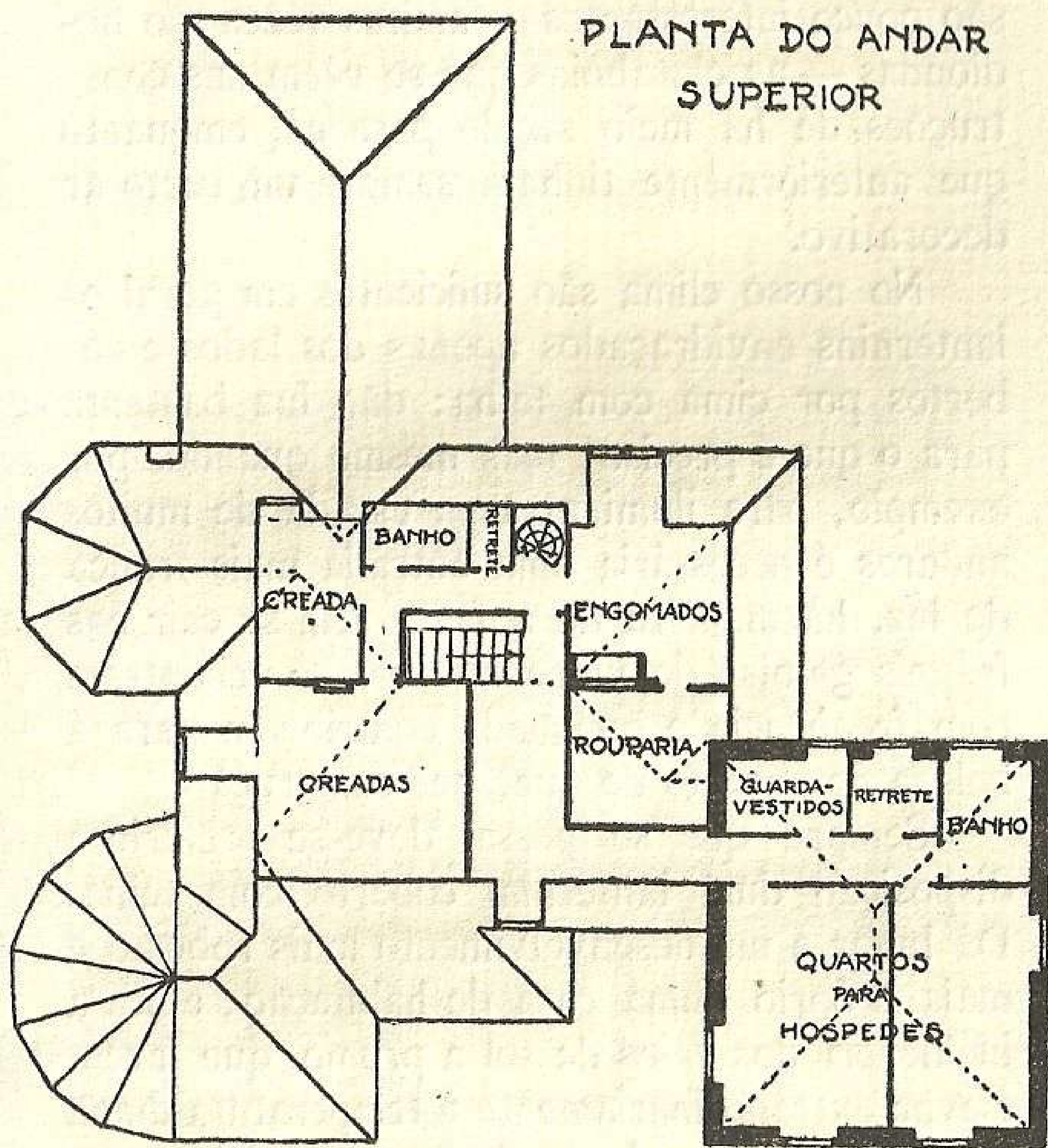
Um outro alpendre, de dimensões mais resumidas, abriga a entrada principal.

A' cozinha, situada na parte mais oculta da



construção, fica assegurado o seu isolamento conveniente, sendo feita a passagem dali para a sala da mesa através da copa.

O aproveitamento do espaço ocupado por uma construção não é só relativo à área incluída pelas suas paredes exteriores, é também res-



peitante à capacidade do desvão da cobertura. Sob a parte mais elevada do telhado desta casa alojam-se os quartos para criadas e serviços de

rouparia, parte esta que no seu conjunto fica independente do resto da habitação.

Coroa a edificação uma clarabóia cuja aparência não prejudica a sua estética. Em geral são pouco interessantes — muitas vezes são hediondas — as clarabóias que se vêem nas construções de há meio século para cá, emquanto que anteriormente tinham sempre um certo ar decorativo.

No nosso clima são suficientes em geral os lanternins envidraçados apenas dos lados e cobertos por cima com telha: dão luz bastante para o que é preciso; mas mesmo quando, por exemplo, para iluminar uma escada de muitos andares é necessária uma entrada mais franca de luz, hà maneira de a fazer sem se cair nas frágeis gaiolas de vidro que ora se encontram com freqùência e que nada contribuem para a beleza de aspecto de qualquer construção.

Sempre que se possa, deve-se preferir a disposição dum lanternim coberto com telha. Dá lugar a um desenvolvimento mais robusto e mais próprio duma casa de habitação; evita a incidência dos raios de sol a prumo, que fazem elevar extraordinàriamente a temperatura duma casa; facilita a vedação da água pluvial e poupa aos moradores o quezilento ruido da chuva caindo a direito sobre os vidros.

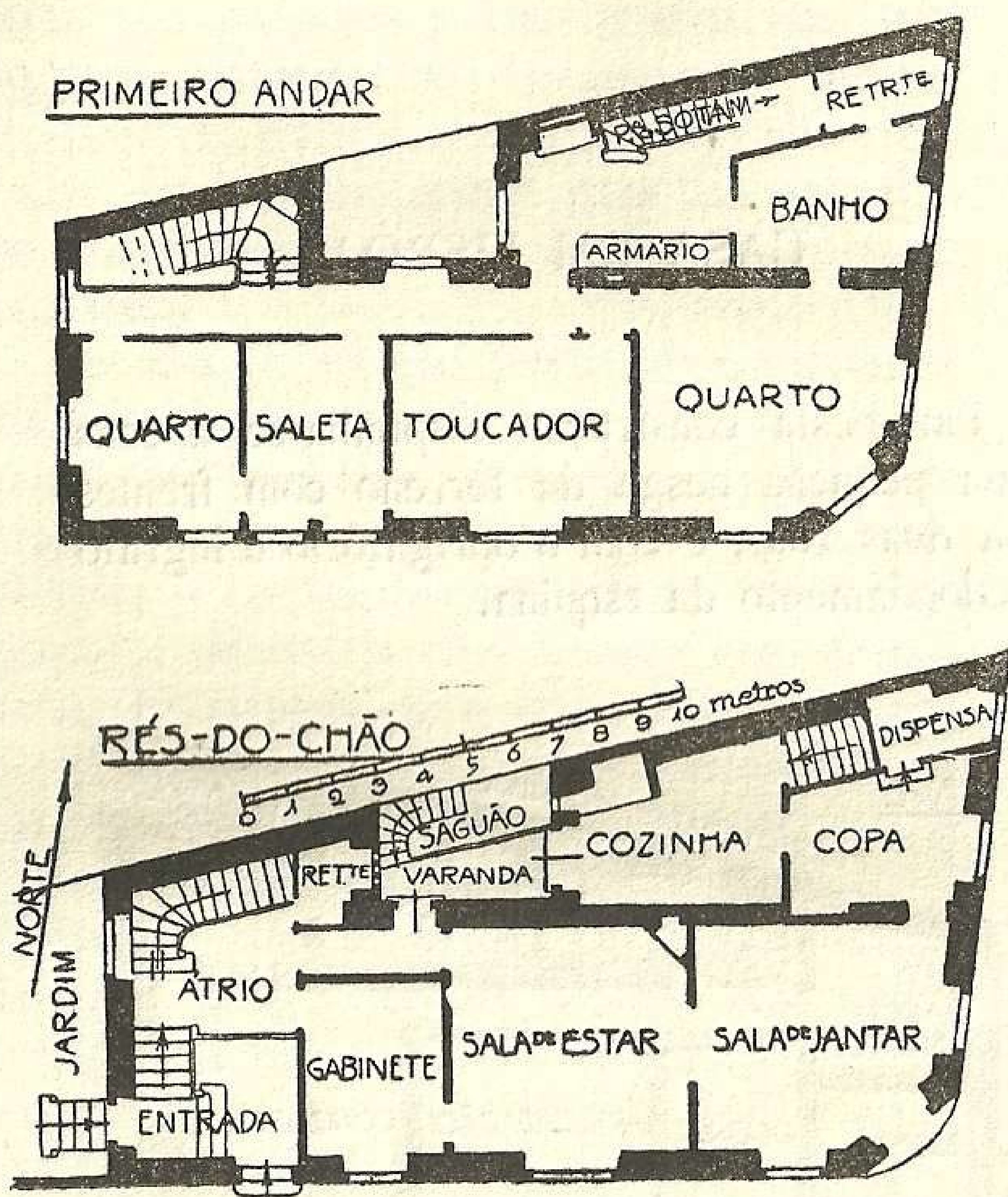
CASA EM LISBOA

Para esta construção dispunha-se apenas duma pequena nesga de terreno com frentes para duas ruas, e com o obrigatório e ingrato arredondamento da esquina.



Abriu-se um pequeno saguão para a conveniente iluminação da parte da casa que en-

costa ao prédio vizinho. A cozinha recebe exclusivamente luz deste saguão, mas a copa, que



pertence também ao domínio das criadas, tem janela para a rua.

Esta circunstância tem um interesse psicológico especial. Este contacto fácil com o exterior

tem muita importância para a boa disposição das criadas e evita que elas precisem de recorrer às janelas das salas ou dos aposentos dos patrões para irem vêr quem passa na rua.

Quem reconheça ao pessoal doméstico a legitimidade desta sua distracção predilecta, mostra ter uma idea justa das necessidades relativas dos habitantes duma casa, e a patroa que insista numa disposição como a que acabamos de frisar será pelo menos uma pessoa dotada de muito bom senso.

No sotam desta casa há arrecadações e os quartos de dormir e de banho das criadas.

PLANTA DUMA PEQUENA CASA DE CAMPO

E' para notar como na parede virada ao Norte se evitaram as grandes aberturas. O local a que o projecto se destinava é fustigadíssimo pelas nortadas. A vista interessante, sobre o mar, fica do lado do Sul.

Para este lado a cozinha não tem janela, para que a parte mais importante do jardim não seja devassada.

A chaminé saliente exteriormente não obedece apenas a um fim decorativo, tem também a vantagem de permitir no primeiro andar que uma forte parede separe a fuga — por onde se escoa todo o calor da cozinha — do ambiente do quarto de cama a sudoeste, que sem esta precaução ficaria sobre maneira quente.

Junto à sala de jantar há um amplo alpendre que permite o estabelecer-se aí mesmo a mesa ao ar livre durante a quadra mais quente.

Sobre o outro terraço em semi-círculo construir-se-hia uma parreira. Não há toldo que eguale em beleza uma latada coberta por videiras, que depois de nos deliciarem nas diferentes fases com a sua sombra, seus frutos e matizes, se despem completamente para deixar passar o apetecível sol de inverno.

CAMA

Gᴰᴬ ROUPA

21

22

RETRETE

BANHO.

Gᴰᴬ ROUPA

CAMA

armario

TOUCADOR

armario

CAMA

CAMA

VARANDA.

NORTE

1º ANDAR

metros 5. 10.

COPA

DISPENSA.

BOTAS.

10

2

1

GABINETE

ATRIO.

VESTIBULO.

COZINHA

SALA DA MESA.

LIVRARIA

ESCRIPTORIO.

TERRAÇO.

ALPENDRE.

BANCO.

RÉS-DO-CHÃO

CASA NUMA CIDADE DA BEIRA BAIXA

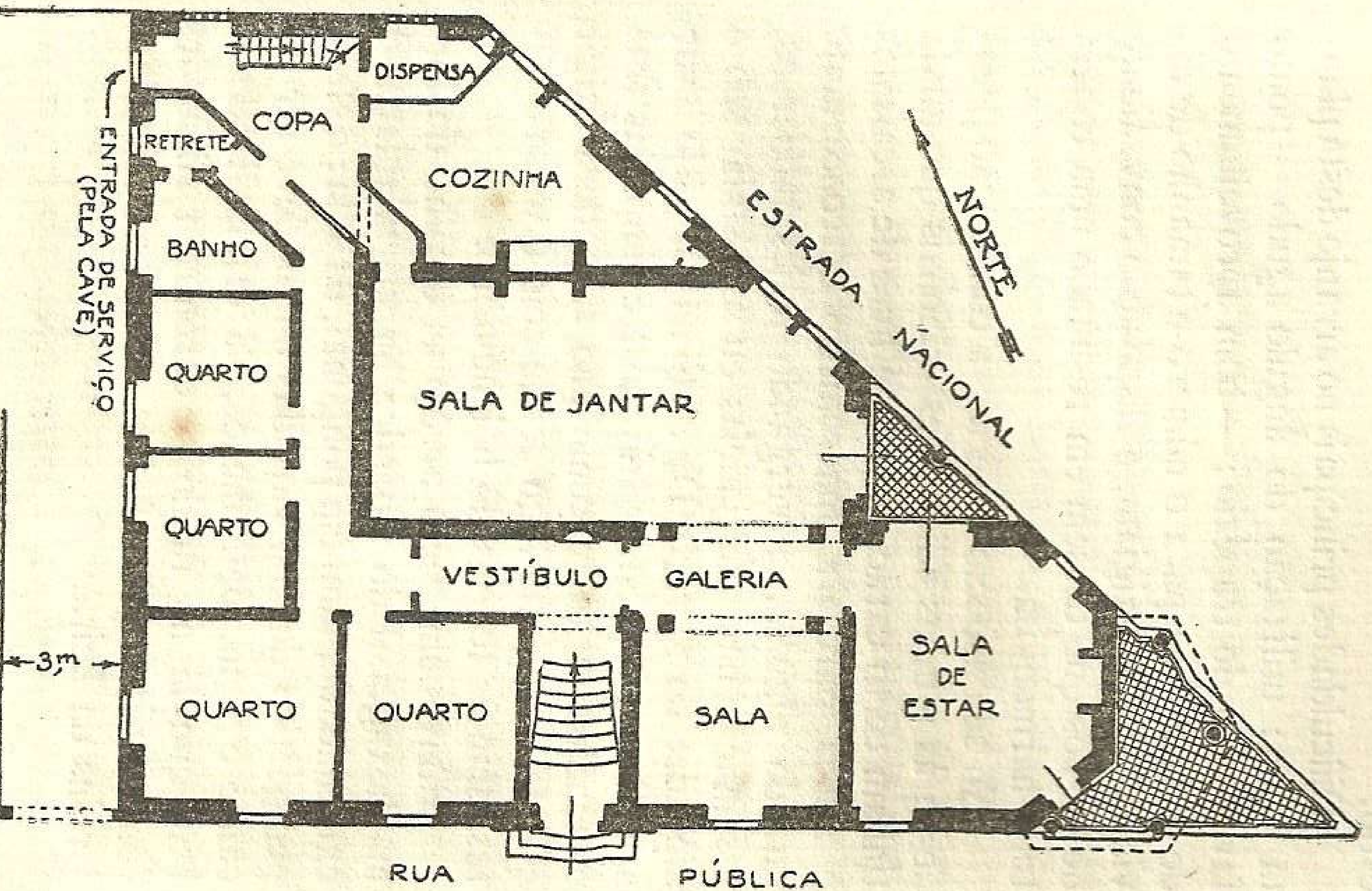
ESTAMPA III

Terreno em fórma de trapézio.

Duas frentes, — a principal em nível com a rua, a outra formando com esta um ângulo agudo e colocada em plataforma 7 metros acima da estrada.

Desejo especial do proprietário era que todas as divisões principais ficassem num mesmo andar, que a sala de jantar pudesse comportar 30 convivas e que a construção tivesse cunho tradicional.

Os quartos estão virados ao Sul e Poente; evitou-se a exposição oposta por causa dos ventos agrestes. E' porém a Nordeste que se disfruta o panorama da Serra da Estrela, e para esse lado fica a sala de jantar. O ponto mais favorável para a casa de maior permanência — a casa de estar — é justamente o ângulo agudo, onde se apanha dum lado o Sul durante quasi todo o dia e onde pelo outro lado se goza o panorama da serra; fica portanto esta casa com


DISPENSA
COPA
RETRETE
COZINHA
BANHO
ENTRADA DE SERVIÇO
(PELA CAVE)
ESTRADA NACIONAL
NORTE
QUARTO
SALA DE JANTAR
QUARTO
VESTÍBULO
GALERIA
3,m
SALA
DE
ESTAR
QUARTO
QUARTO
SALA
RUA
PÚBLICA

boa exposição tanto no inverno como durante o estio.

Dificuldades principais no arranjo desta planta eram: utilização do ângulo agudo — ponto favorecido do trapézio; — bom aproveitamento de toda a área para o número e tamanho de divisões que se exigiam, e disposição conveniente de corpos que dessem em resultado uma cobertura harmoniosa.

No seu aspecto exterior, a construção prende-se às últimas edificações nacionais que ainda tinham certo carácter, mas é livre de arcaismos e nunca parecerá anacronismo desconcertante quando alguêm, envergando trajes modernos, assomar a uma das janelas ou se instalar sob o alpendre do terraço. De resto não se póde levar a mal que o proprietário mostre simpatias tradicionalistas; assim como não se poderá exigir que toda a gente logo aceite com o mesmo entusiasmo as teorias do bolchevismo.

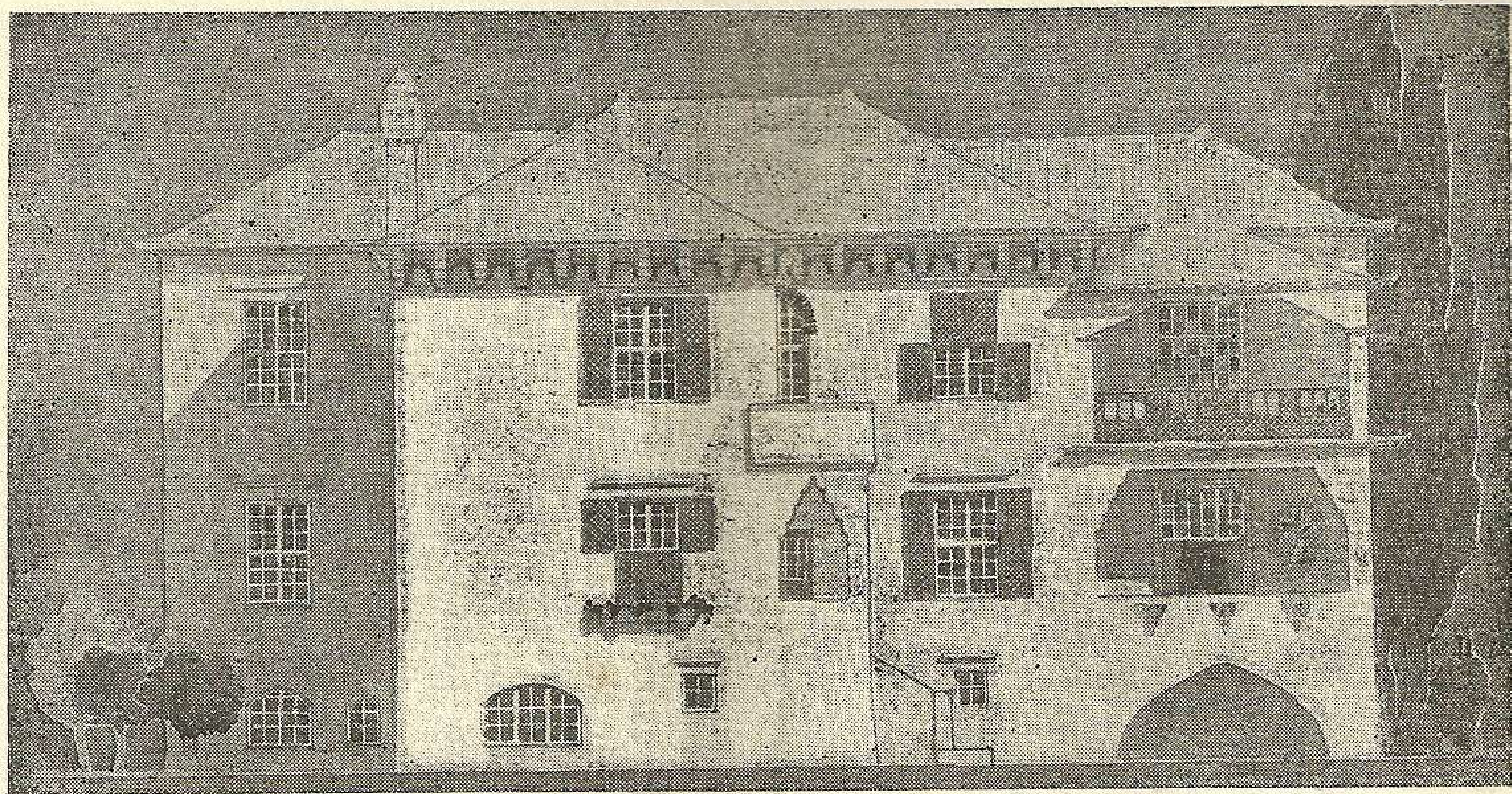
Hôuve um certo arrôjo na escolha da fórma hexagonal do alpendre na sua adaptação à extremidade, tambêm poligonal, da sala; o efeito perspéctico de tam variadas linhas deve ser picante e aqui, pelo menos, há originalidade se bem que lá no fundo se encontrem afinidades com restos arquitectónicos existentes em velhos jardins da Beira.

CASA PARA AS REGIÕES DO SUL

A pessoa para quem este projecto foi destinado não manifestou desejos especiais quanto ao aspecto das suas fachadas. Quis, sim, qualquer cousa muito simples, e ainda que a sua felicidade não dependa no presente caso da exteriorização dum culto afincado de tradições, nunca a poderia seduzir qualquer extravagância ou exotismo falho de lógica.

A planta foi moldada à sua declarada paixão pelo sol, e correspondente antipatia pelo frio.

A construção enrosca-se, como um gato, toda exposta ao Sul e ao Poente, e volta costas ao Norte agreste. Eis aqui um motivo que se reflectiu no exterior — a adoração do sol. As fachadas ficaram com uma fisionomia ávida de luz — estilo soalheiro — e sugerem dalgum modo o clima do nosso algarve. Mantendo-se uma parcimónia quasi extrema de decoração, apenas se valorizou o coroamento dos dois corpos principais numa cornija em que aparece algum tejolo. As varandas abrem-se francamente ao afago dos raios solares. Em todo o resto da



FACHADA PRINCIPAL DUMA CASA PARA AS REGIÕES DO SUL

construção a máxima sobriedade. As rótulas imprimem um carácter especial à casa e até aqui se nota o culto do sol. — Persianas tapam os vãos em absoluto; outrotanto não sucede com as rótulas que, não excluindo por completo a entrada do sol, constituem um crivo luminoso mais álacre. — Com a divisão dos vãos no sentido da altura obtem-se, alêm da melhor regularização da luz, a vantagem de se poder vedar da maneira mais conveniente nas janelas do rés-do-chão a vista dos indiscretos que passem na estrada, visto esta ficar um tanto elevada acima do jardim.

Seja dito ainda que tanto nos dinteis e pavimentos das varandas como no grande balanço da cornija se emprega vantajosamente o beton armado.

A cobertura é caiada — como a maneira mais simples de destruir a côr antipática da nova telha *lusa*, e por assim se harmonizar com o género da construção.

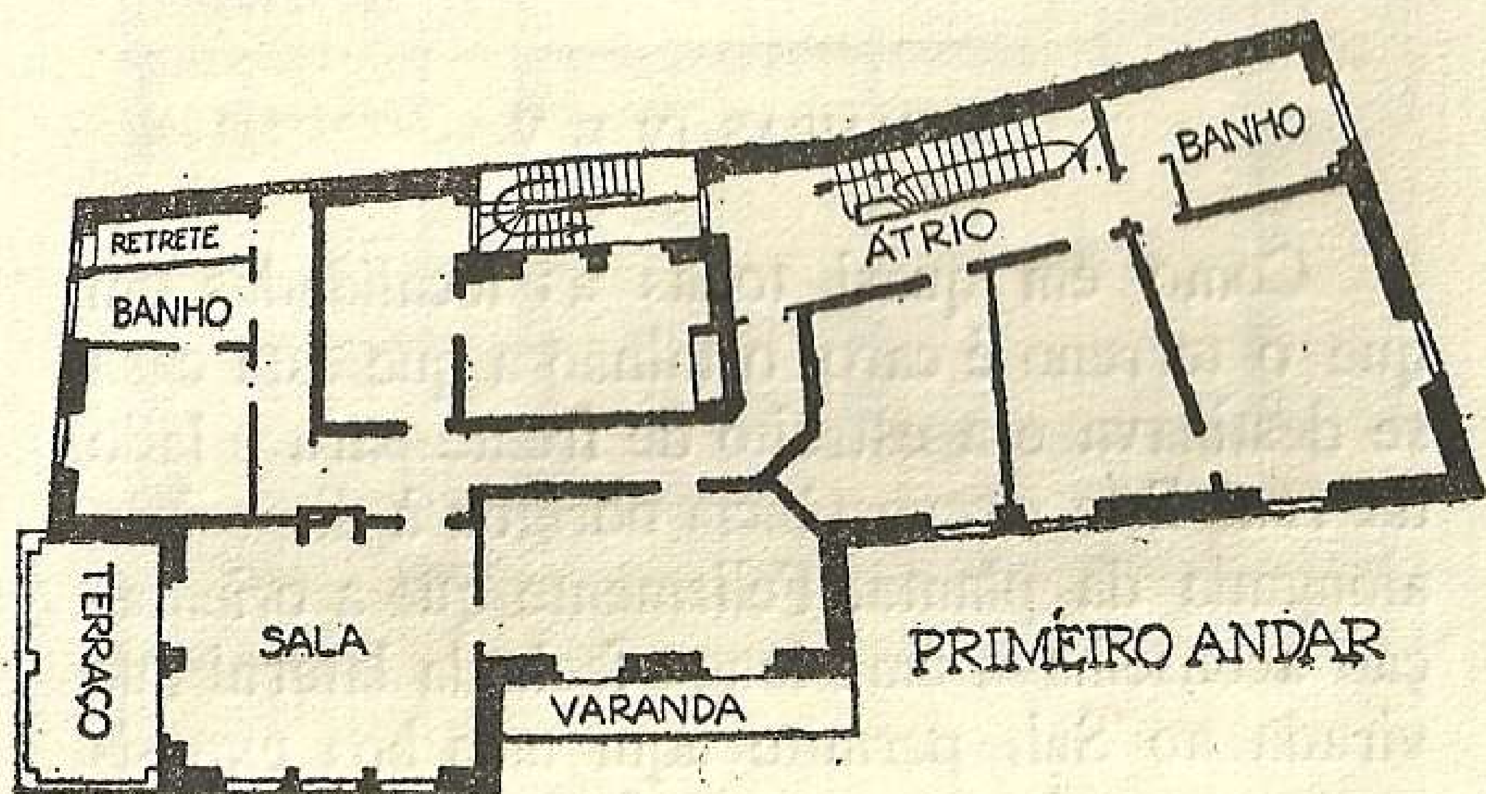
PLANTA DUMA CASA NO ESTUÁRIO DO TEJO

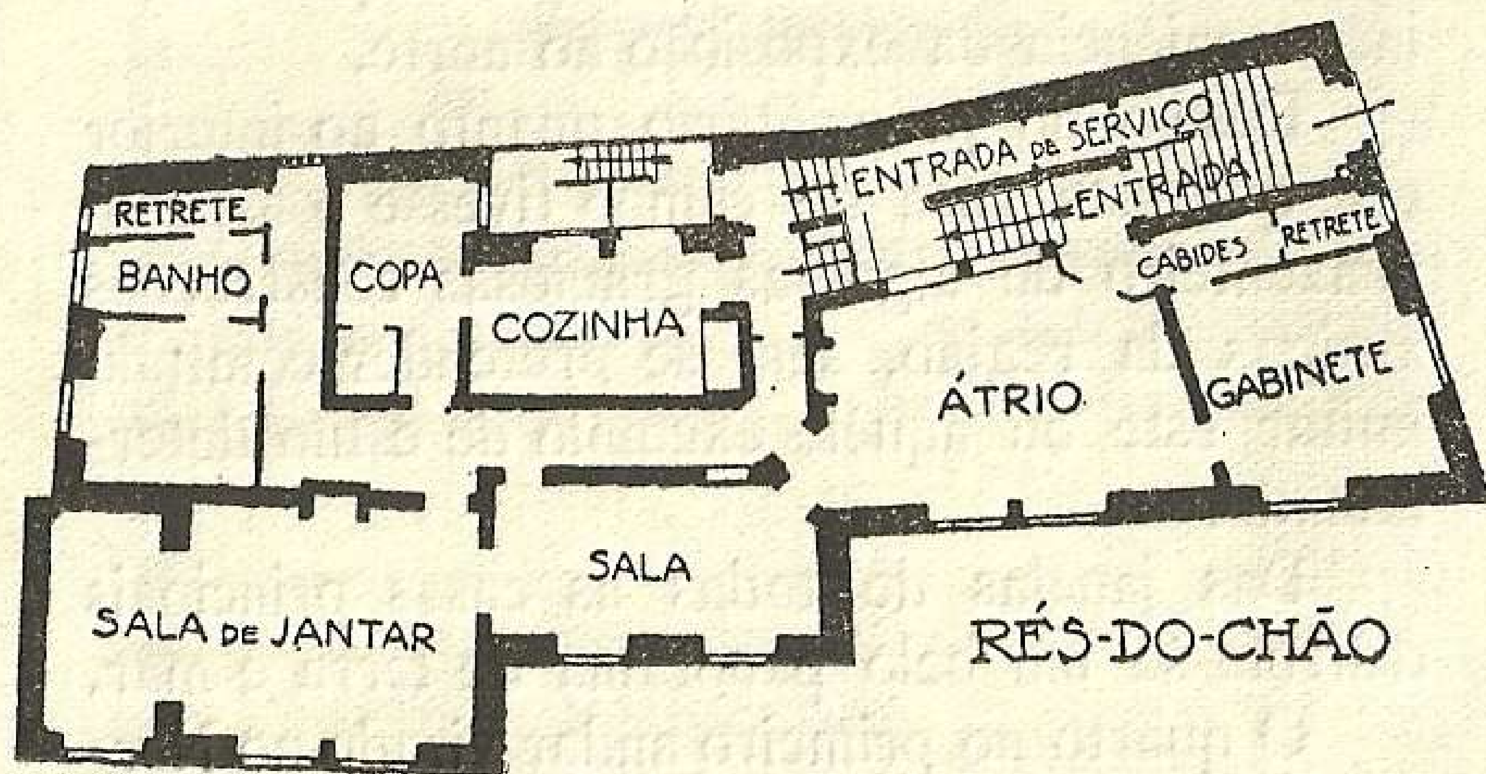
As dificuldades na organização desta planta ressaltam logo que se examine a situação geral do terreno e a forma irregular que este tem.



A distribuição das diferentes divisões obedece à circunstância de que a casa se destina desde já a moradia do proprietário mas que de futuro virá a ser alugada para dois inquilinos, dos quais um ocuparia o rés-do-chão e a cave (inferior ao cais mas ao nível da praia), e o outro ficaria com o primeiro andar e o sotam. Quando chegar este termo empreender-se hão

umas pequenas modificações tais como: tapamento dos arcos entre a escada principal e o átrio; divisão da actual sala em dois quartos, no rés-do-chão; introdução de portas de escada nos dois andares, etc.





CASA NOS ARREDORES DE LISBOA

ESTAMPAS IV E V

Como em quási todas as localidades em que o terreno é caro, o talhão a que esta casa se destinava era estreito de frente para o lado da rua. Esta circunstância obrigou à disposição alongada da planta. Felizmente que a orientação aconselhava uma longa fachada lateral que virada ao Sul, permite aqui uma boa exposição para todas as casas principais, deixando à sua frente uma faixa de jardim abrigado.

Evitou-se mais uma vez, quanto possivel, a inconveniência da exposição ao norte.

Desejo do proprietário quanto ao interior era que esta casa de campo tivesse o aspecto prazenteiro de algumas graciosas construções antigas da região, sem se pretender comtudo imitar este ou aquêle exemplo de estilo determinado.

Das janelas de todas as casas principais disfruta-se um belo panorama de terra e mar.

O quarto no primeiro andar virado ao Nor-

CRIADA

BANHO

QUARTO

QUARTO

SALINHA

NORTE

RETRETE

BANHO

QUARTO

GUARDA-VESTIDOS

QUARTO DE VESTIR

QUARTO

PRIMEIRO ANDAR

COZINHA

NORTE

CABIDES

RETRETE

GABINETE

CARVÃO

DISPENSA

ENTRADA

COPA

ÁTRIO

TERRAÇO

SALA DE JANTAR

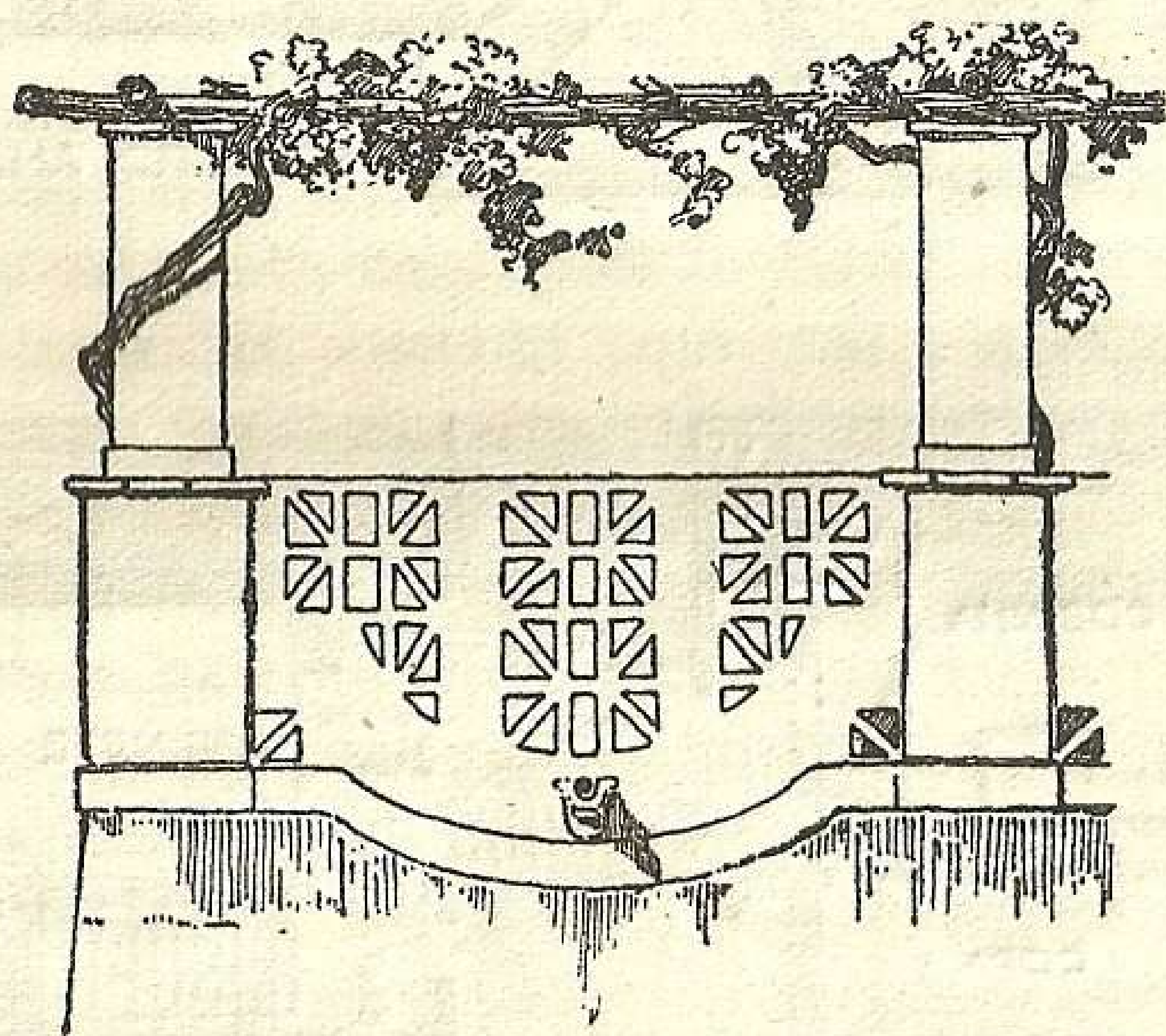
SALA

ALPENDRE

RÉS-DO-CHÃO

deste tem uma janela de canto que busca o sol até tarde.

Na cave ha ainda um quarto para hóspedes com suas comodidades em completa independência, quartos para criadas etc., não faltando um banho para as ditas, casa que não devia faltar em todas as moradias de certa ordem.



PEQUENA CASA NO ALENTEJO

Esta construção pertence a uma certa categoria de casas de que já veio reproduzido um exemplo a pág. 52.

Sem uma razão absoluta convencionou-se rubricar de *casas para operários* estas habitações delineadas com a máxima economia e compostas dum número de divisões, reduzido ao indispensável. Com a mesma ou mais razão se poderiam chamar — casas para filósofos.

O que está provado é que estas casas, quer sejam isoladas quer agrupadas, não precisam ser feias. O modêlo aqui reproduzido foi estudado para regiões do Alentejo em que abunda o tejolo e, com umas pequeníssimas modificações, prestava-se a ser ampliado em grupo de duas habitações conjugadas.

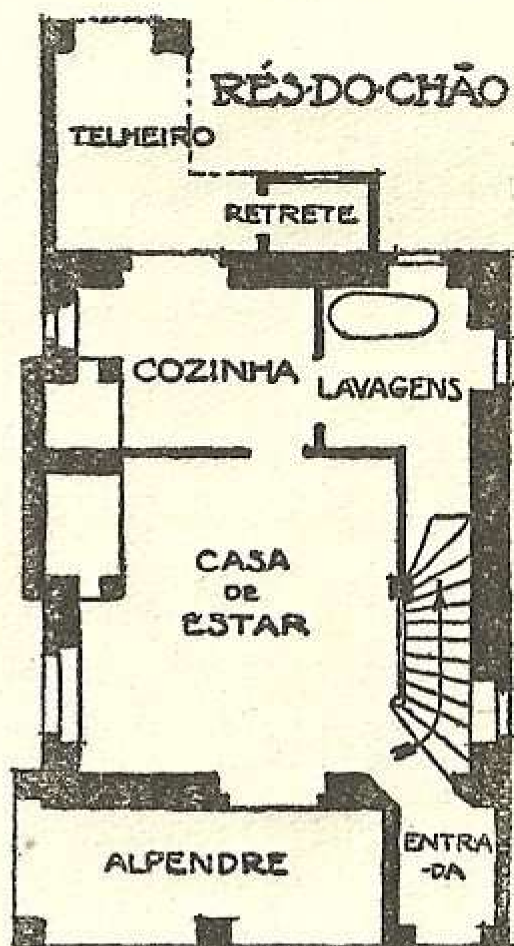
Indispensável é a cêrca, ajardinada ou simplesmente cultivada com gôsto em horta. O mesmo modêlo transposto para qualquer rua sem verdura ou colocado num terreiro árido perderia toda a graça.

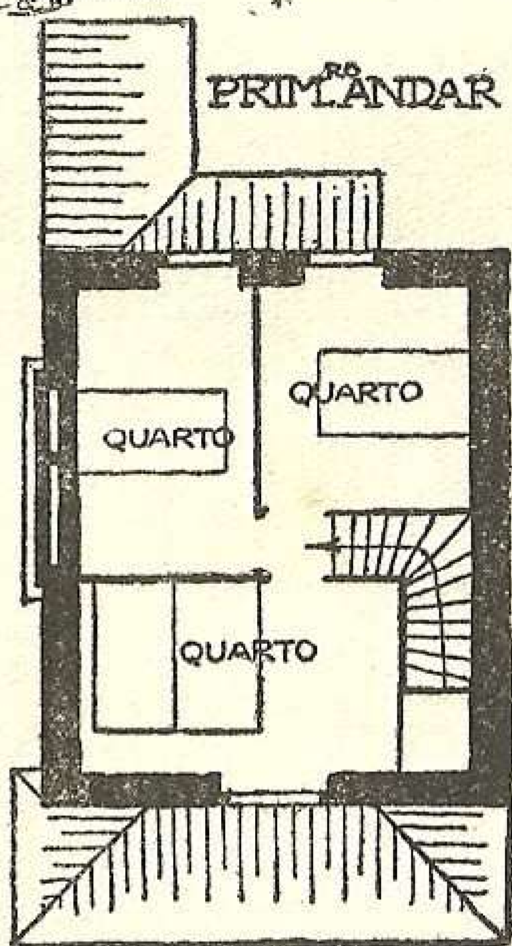
No piso térreo da habitação e dando para o alpendre fica a principal divisão — a casa de

estar com a sua lareira. A seguir a esta, uma outra casa mais pequena é destinada aos serviços de cozinha menos limpos, à lavagem da roupa durante o inverno etc. Há ainda no rés-do-chão a casita de banho com aproveitamento do desvão por baixo da escada. Junto à casa, na parte traseira, fica um telheiro que abriga a retrete, serve para guardar lenha, e onde se pode também lavar roupa ou proceder a qualquer outro trabalho doméstico.

O primeiro andar é completamente ocupado por tres únicos quartos.

Como ficou dito, este modêlo é destinado a regiões onde o tejolo abunda. Adaptado a outras partes, o seu aspecto exterior teria também de sofrer modificações em harmonia com as diferentes condições locais.


RÉS·DO·CHÃO
TELHEIRO
RETRETE
COZINHA
LAVAGENS
CASA
DE
ESTAR
ALPENDRE
ENTRA
-DA


PRIM.RO ANDAR
QUARTO
QUARTO
QUARTO

APÊNDICE

APÊNDICE

Não é nossa pretensão historiar aqui a evolução da arquitectura moderna. Serve o seguinte rápido bosquejo apenas para lembrar em que situação actualmente nos encontramos naquela nobre arte que, segundo Ruskin, é a pri- primeira entre todas as belas-artes e entre cujas leis fundamentais Vicente d'Indy encontra elementos básicos duma outra e mais sublime arquitectura — a arquitectura dos sons.

As investigações arqueológicas que até há cêrca de um século tinham sido dominadas pela idea do classicismo, limitando-se apenas à exploração das chamadas eras clássicas da arquitectura, entraram então de se espraiar também por todas as outras épocas do passado histórico. A tendência do romantismo e o espírito scientifico que caracterizou o século XIX fizeram despertar um interêsse particular pela arte medieval e, depois, por todas as outras épocas que

até ali se haviam sistemáticamente desprezado, e não tardou que ao classicismo, em que já houvera veleidades egipcíacas e assirizantes, se sucedesse na arquitectura o romantismo em todo o seu desenvolvimento. Surgiram as escolas neo-gótica e neo-românica; Ruskin na Inglaterra e Lübke na Alemanha, ambos pelo meado do século XIX, preconizavam o estilo gótico na arquitectura. Em França, Viollet-le-Duc operava restaurações, as mais arrojadas, desatendendo a palavra profunda que um grande poeta lançara havia já mais de meio século:

> «................ Isto que vós outros
> «apelidais o espírito de um século,
> «é simplesmente o vosso próprio espírito» (1)

Começou-se depois a explorar a renascença italiana e a breve trecho, emquanto nas academias a arte clássica continuava sempre ditando os seus cànones, cá fóra não havia estilo arquitectónico que não fôsse julgado digno de ser estudado. A cada passo apareciam monografias com levantamentos minuciosos acompanhados de copioso texto. Nunca houvera um conhecimento tam completo dos estilos históricos; todos os monumentos se classificavam rigorosa-

---

(1) Goethe.

mente com perfeita compreensão das múltiplas fases por que cada estilo passava, sujeito às influências da tradição, do ambiente ou da individualidade dos artistas criadores. Dir-se-ia que a Providência ordenava a coleccionação universal dos elementos da arquitectura na vastíssima arca de Noé duma literatura especial e esgotante, prevendo o dilúvio esterilizador que visitaria a Europa durante umas dezenas de anos. Os arquitectos já se não limitavam a uma escola, construíam *em todos os estilos*; era como se tivessem esquecido a língua materna, tornaram-se poliglotas e o que êles ganhavam em maleabilidade no manusear das fórmas consumadas, perdiam por outro lado em espontaneidade do sentimento criador. Aos poetas-arquitectos sucediam os filólogos da arquitectura.

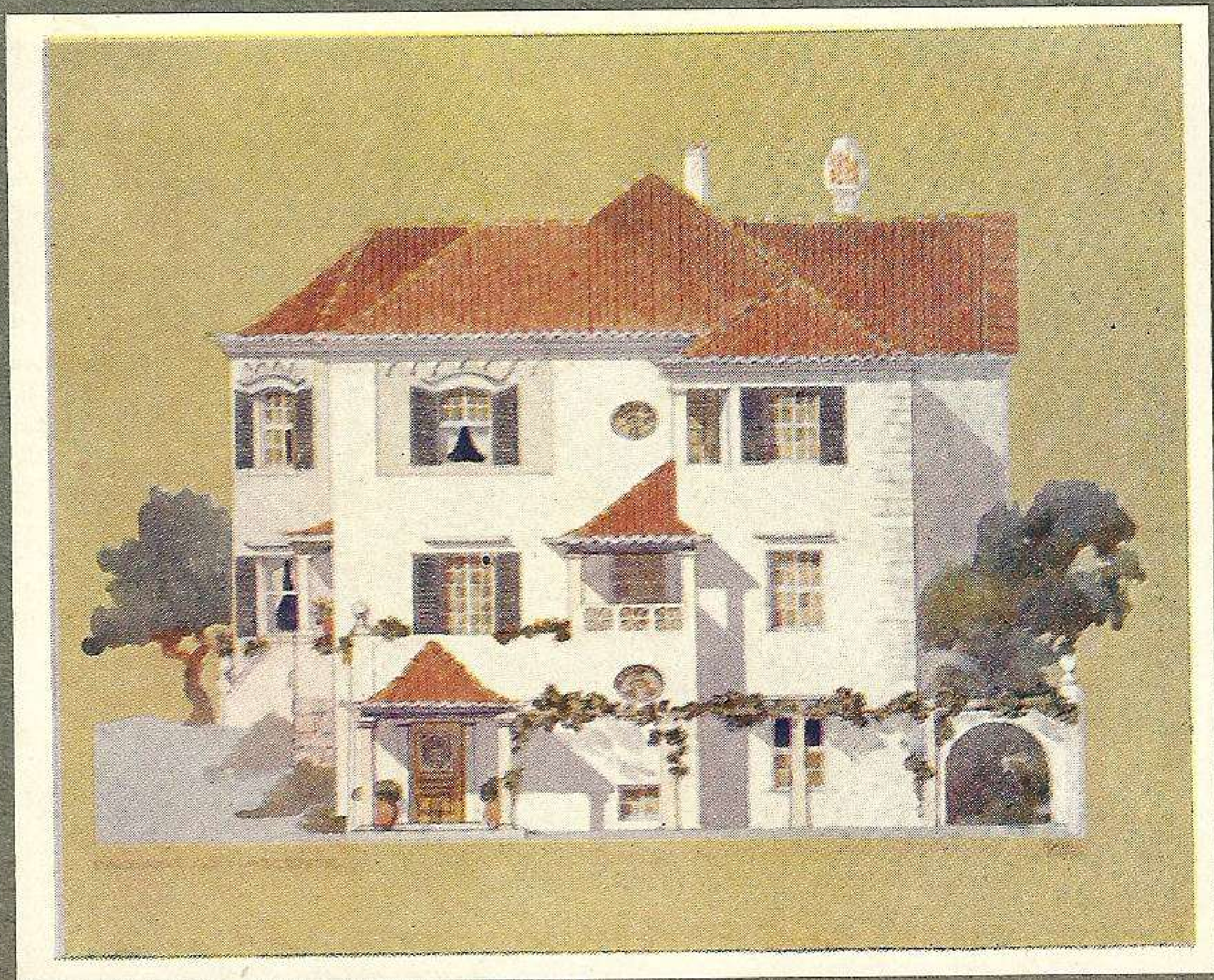
Se durante estes períodos a Inglaterra manteve sempre uma linha mais ponderada através da sua lenta evolução, e se a França foi cristalizando pouco a pouco na reprodução dos seus estilos mais característicos, — a Alemanha dos anos 1870-1890 foi uma verdadeira Babel; todos os estilos eram então interpretados com muito mais gramática do que inspiração; e em todo êste tatear hesitante por entre a obra de épocas passadas nunca se originou o gérmen dum novo estilo sólidamente fundamentado e com possibilidades de desenvolvimento.

Foi preciso que se esquadrinhassem bem todos os moldes dos estilos históricos, reduzindo a fórmulas mais ou menos artificiosamente combinadas o que noutras épocas fôra a expressão fluente dos artistas criadores e reproduzindo até o aborrecimento estas combinações assim estereotipadas, para se chegar àquela saciedade que necessáriamente havia de provocar uma forte reacção.

Efectivamente arquitectos e decoradores, vendo a estagnação a que os seus esforços conduziam e cansados de exteriorizar o seu sentir exclusivamente numa expressão passada, voltavam-se apelando para a Natureza que nos rodeia e de que já tam afastados andavam, ansiosos por readquirir aquela sinceridade e espontaneidade da linguagem plástica de outros tempos.

O movimento nas artes, perfeitamente revolucionário e de curta duração que desabrochou no último decênio do século XIX, hauria a sua vitalidade por raizes demasiadamente profundas para que lhe não fôsse dada uma boa frutificação antes que se extinguisse. O chamado Prerafaelismo em Inglaterra pode-se considerar como o início desta salutar reacção, a que a obra dos Impressionistas franceses emprestou a sua magnífica têmpera sensorial.

Esta tendência revolucionária devia lógica-



PROJECTO DE CASA PARA OS ARREDORES DE LISBOA

mente intensificar-se num país em que por um lado as tradições menos pejantes fôssem, por outro lado onde maior tivesse sido a orgia das imitações. Assim foi que em Munique se desenvolveram aquelas produções artísticas que em breve eram etiquetadas de «estilo Juventude», nome tirado dum semanário em que os mais activos propagandistas do movimento colaboravam.

Mas por entre toda a estúrdia desta obra inflamada dos revolucionários de Munique, dois sintomas apareciam com insistência que garantiam a proficuidade de futuros resultados: um amor estrénuo da Natureza e a admiração pelos grandes de todos os tempos. Na sua essência, sob o ponto de vista puramente arquitectónico e abstraindo dos aspectos variados a que as circunstâncias especiais de época e ambiente obrigam, tudo isto não foi mais que uma nova manifestação do espírito que, à falta de melhor denominação, se pode chamar gótico, antitético do classicismo.

Curta duração, como dissemos, teve no centro da Europa esta fase — «estilo Juventude» — da nova arte. Em breve se perdiam as últimas obras dêste estilo de linhas flexuosas e indisciplinadas, como fôlhas exangues e inúteis que as árvores soltam ao findar o outono.

No emtanto, da exposição universal de Pa-

ris em 1900 se dizia que fôra uma consagração da moderna arte decorativa. Afirmação prematura e enganosa. A Europa das velhas civilizações engrinaldava-se com uma folhagem fresca, sim, mas separada do pé por onde corria a seiva que a alimentara, e os próprios palácios daquela exposição — feitos de lona e de pasta — teriam sobrevivido ao emmurchecer de tam forçados elementos de decoração.

Parece que à Belgica estava reservado o tirar as últimas consequências dêste estilo, que entre nós ficou conhecido pelo nome de Arte-Nova e no qual querem que haja condições especiais de adaptação a construções de ferro ou cimento.

Mas as artes decorativas, e atrás delas a arquitectura, prosseguiam rápidamente na Europa central a sua nova carreira tam impetuosamente começada. De 1900 para cá as edificações de algum valor que acusam reminiscências dos estilos históricos em nada se assemelham às imitações aborrecidas do último têrco do século XIX. Na liberdade da sua concepção palpita hoje uma vida própria, deixando sobresair em cada obra a individualidade do artista criador. A arquitectura moderna cada vez mais se vai libertando de formalidads sem vida e, tendo-se já expurgado dos vicios da sua fogosa juventude, não nos repugna crer que assistimos ali

agora à adolescência duma linguagem plástica em que por vezes o epírito gótico e as tradições clássicas se combinam com feliz resultado.

Todos devem estar lembrados de que aquela Babel a que acima nos referimos também por cá teve um tardio e longínquo éco; também tivemos a nossa algaraviazinha e ainda hoje se encontram algumas raras obras, nomeadamente amanuelinadas, criadas no espírito dessa época e que com a sua fisionomia dum romantismo serôdio, que não é já senão o reflexo dum reflexo, apenas conseguem comunicar-nos uma impressão de têdio.

Mais tarde introduziu-se então, espalhando-se como um escalracho, a mania dos pseudo-chalets, hoje felizmente condenada por toda a gente, mas que foi o mais nefasto de quaisquer estrangeirismos que nos poderiam assolar. Abençoada seja a reacção que se lhe seguiu representada pela questão da Casa Portuguesa! Mas esta campanha que, pela sua tendência, devia levar os artistas a estribarem-se nas boas tradições nacionais, ameaça não passar dum devaneio literário ou de ser apenas a mais recente fase do período de imitações do qual parece não nos querermos desprender.

Não basta copiar e combinar elementos tra-

zidos dum e outro ponto, à discrição de quem quer que seja, para dêsse modo se criar uma arquitectura. As actuais condições de vida, tanto espiritual como materialmente, são muito diferentes das de outras épocas e é preciso que á adaptação material, cuja necessidade toda a gente é mui pronta em sentir, corresponda uma transformação do espírito da arquitectura, sem a qual não poderá haver vida nem desenvolvimento.

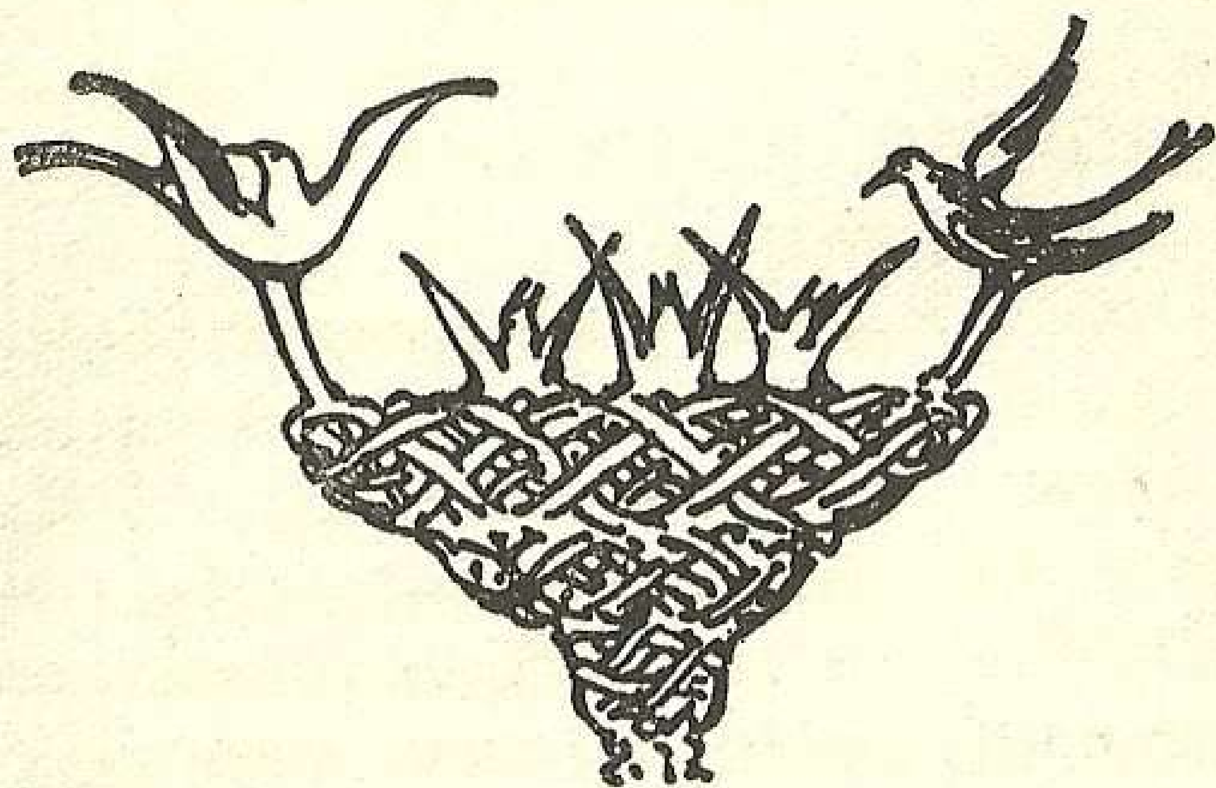
Será ainda preciso dizer-se que não podemos hoje pretender fazer obras góticas, românicas ou de qualquer outro estilo para cuja realização já as circunstâncias determinantes se escoaram num passado que nunca poderá voltar? Tam impossível é criar hoje qualquer obra manuelina como tornar a descobrir um caminho marítimo para a India!

E houvesse hoje algum cenobita tam alheado da vida moderna e possuidor da fé e sinceridade necessárias para conceber uma obra puramente gótica... que é dos maçoes que a haviam de executar?

A par dos nossos conhecimentos históricos, a faculdade que adquirimos de sentir qualquer obra de arte, e que faz com que não só a respeitemos mas que a possamos também amar, não justifica que entremos na cómoda esteira das imitações, que só têm lugar próprio no tea-

tro ou que só se podem admitir em pequenos devaneios de carácter particular. Mas a scenografia trazida para a rua não constituirá nunca um elemento vital da arquitectura.

Devemos, antes de tudo, retemperar o nosso sentimento por um estudo dedicado e amoroso da Natureza que nos rodeia; devemos deslindar nas obras dos artistas e do povo em Portugal quais os traços fundamentais que, na sua variada expressão, atravessam as sucessivas épocas, vinculados ao nosso modo de sentir e resultantes das condições físicas da nossa terra. Só assim poderemos chegar a encontrar a expressão própria que não só convirá à solução de problemas chãos, de todos os dias, mas que consiguirá tambem elevar-se até a representação material dos mais altos ideais que possam interessar um povo forte e consciente.




P.B.


P.B.